



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Bacharelado em Letras

TRACY DA SILVA CARVALHO

Orientadora: Profa. FEIBRISS HENRIQUE MENEGHELLI CASSILHAS

TRECHOS DE *QUARTO DE DESPEJO*: EXPERIMENTANDO UMA TRADUÇÃO  
COMENTADA

Universidade Federal da Bahia UFBA-BA

Salvador

2023

Tracy da Silva Carvalho

Trechos de *Quarto de Despejo*: experimentando uma tradução comentada

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal da Bahia, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL **Letras Modernas – Língua inglesa**, sob a orientação da Profa., Dra. - **Feibriss Henrique Meneghelli Cassilhas**.

Salvador

2023

Banca Examinadora

---

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup> FEIBRISS CASSILHAS**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

---

**PROF. ME. JEFERSON SANTOS DO SOCORRO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

---

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup> RAQUEL ALVES DOS SANTOS NASCIMENTO**  
**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

---

*À Carolina Maria de Jesus (in memoriam) seus  
filhos e netos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora Feibriss Cassilhas por ter se disponibilizado para me orientar nesse trabalho de forma sempre generosa, doce e motivadora. Sou grata pelas trocas, pela paciência, por compartilhar comigo seus conhecimentos e me apresentar perspectivas que ampliaram meus horizontes de pesquisa.

Aos componentes da banca de avaliação que se dispuseram a participar.

À minha avó paterna Valdice pelo cuidado, dedicação e amor que dispôs a mim.

À minha irmã Vitória, à minha querida prima Natália e aos familiares que torceram pela minha trajetória na graduação.

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.  
(JESUS, 2020, p. 59).

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo experimentar traduções para a língua inglesa de trechos selecionados da obra *Quarto de Despejo* da escritora Carolina Maria de Jesus. Essas traduções são acompanhadas de comentários sobre o texto-fonte, sobre as escolhas de tradução e ainda sobre as escolhas do tradutor de uma versão já existente em inglês, *Child of the Dark*. O que se buscou foram soluções tradutórias que respeitassem as características do texto dessa autora enquanto mulher negra, a fim de exercer uma tradução responsável e ética. Através da análise qualitativa do conteúdo do texto-fonte de *Quarto de Desejo* foram selecionados os trechos em que a autora aborda aspectos raciais e sociais sendo essas temáticas recorrentes na obra. Esse exercício de tradução observou o cuidado com esse texto literário produzido em um registro linguístico que por vezes diverge da norma-padrão e apresenta a dicção única do trabalho de Carolina. Para isso, as reflexões das teorias em tradução e Literatura negra orientaram as escolhas de tradução de forma que pudessem ser resguardadas suas características a fim de aproximar esse texto do leitor de língua inglesa, gerando identificações e prevenindo desvios já feitos anteriormente em *Child of the Dark*.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Tradução comentada; *Quarto de despejo*; Literatura negra; Tradução negra.

## ABSTRACT

CARVALHO, Tracy da Silva. **Trechos de *Quarto de Despejo***: experimentando uma tradução comentada.

This work aims to experiment with the translation from Portuguese into the English language of some parts of Carolina Maria de Jesus' book *Quarto de Despejo*. These translations are presented with comments about the source-text, about the translation choices and about the choices of the translator in the English version *Child of the Dark*. This work sought to come up with translation solutions that respect the features of Carolina's text, being responsible and ethical for her identity while a Black woman. Through a qualitative analysis of the source-text *Quarto de Despejo* some fragments within it were selected based on the recurring themes in the text like racial and social issues. This translation exercise aimed to care for the text while respecting its non-standard language and to maintain the unique style of Carolina's work. To do so, the theories of Black translation and Black literature guided the translation choices in order to maintain the features of the text so the English language reader can identify themselves with it, also the translation goal is to prevent the source-text from aggressions previously made in *Child of the Dark*.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus; Commented translation; *Child of the Dark*; Black literature; Black translation.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Definição da palavra "Negro" na variedade do inglês britânico.....	54
Figura 2 - Definição da palavra "Negro" na variedade do inglês americano.....	55
Figura 3 - Definição da palavra "Mulatto" na variedade do inglês britânico.....	63
Figura 4 - Definição da palavra "Mulatto" na variedade do inglês americano.....	64

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TAN Traduzindo no Atlântico Negro

# Sumário

<b>1 - INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 Surgimento de Carolina Maria de Jesus no cenário literário brasileiro	13
1.2. O lugar de enunciação da pessoa tradutora.	15
<b>2 - REDES DE CUIDADO PARA COM A TEXTUALIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS</b>	<b>18</b>
2.1. Pensando uma tradução responsável para <i>Quarto de Despejo</i>	20
2.2. Reposicionando o fazer tradutório.	23
2.3. Afrodiasporicidade	25
2.4. Estrangeirização e domesticação	26
2.5. A tradução das experiências de mulheres negras.	27
<b>3 - PROBLEMAS DE TRADUÇÃO PRESENTES EM <i>CHILD OF THE DARK</i></b>	<b>32</b>
3.1 As crenças ideológicas do tradutor David St. Clair através dos elementos paratextuais.	39
<b>4 - EXPERIMENTANDO UMA TRADUÇÃO RESPONSÁVEL E ÉTICA DE <i>QUARTO DE DESPEJO</i></b>	<b>44</b>
4.1. Metodologia	46
4.2. Um outro olhar para o <i>Quarto de Despejo</i> :	46
4.3 Descobrindo os caminhos de uma tradução comentada	48
4.4. Tradução comentada de trechos de ' <i>Quarto de despejo</i> ' da autora Carolina Maria de Jesus selecionados para tradução para a língua inglesa:	50
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>71</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus, autora de uma vasta obra literária ainda não totalmente publicada, se tornou conhecida nacionalmente com *Quarto de Despejo - diário de uma favelada* no ano de 1960. Pouco tempo após a publicação deste seu primeiro livro surgiu em 1962 uma tradução para a língua inglesa intitulada *Child of the Dark* pelo tradutor estadunidense David St. Clair. Desde os anos sessenta a autora teve alguns de seus livros traduzidos para mais de treze idiomas, o que a torna uma das escritoras brasileiras mais traduzidas até então.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma tradução comentada de trechos selecionados da obra *Quarto de Despejo* para a língua inglesa. Os comentários de tradução estão dispostos ao lado de comentários sobre os trechos escolhidos do texto-fonte e ainda comentamos as escolhas tradutórias do tradutor em *Child of the Dark* para esses trechos.

O presente trabalho conta com cinco capítulos, estando inclusas esta introdução e as considerações finais. Nos subcapítulos deste capítulo introdutório estão em enfoque o surgimento da escritora Carolina Maria de Jesus no cenário literário brasileiro e reflexões sobre o lócus enunciativo da pessoa tradutora. Após ele, no segundo capítulo, trazemos o grupo de mulheres pesquisadoras da obra de Carolina reunidas pela editora Companhia das Letras para a formação de um conselho editorial que preparou, inicialmente, o lançamento de dois volumes de *Casa de Alvenaria*. Coordenado pela escritora Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus, o projeto se propôs a transcrever os manuscritos deixados pela autora. Participam também as pesquisadoras Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda, Amanda Crispim e Raffaella Fernandez, um grupo majoritariamente composto por mulheres negras que reúnem competências que as habilitam a lidar com o texto de forma sensível e cuidadosa, prevenindo os apagamentos promovidos anteriormente ao conteúdo de obras da autora.

Ainda no segundo capítulo, em subcapítulos subsequentes, refletimos sobre formas responsáveis de traduzir a obra de Carolina, marcada por especificidades linguísticas e de estilo. Apresentamos o suporte teórico que balizou o trabalho, recentes teorias para pensar tradução de textos de autoria negra a partir das propostas de pesquisadoras do grupo de pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro (TAN), refletimos sobre o papel de Agente Ético que busca minimizar os riscos de agressões ao texto intrínsecos à atividade tradutória. Discorreremos sobre a ideia do que seria *afrodiasporidade*, conceito de Carrascosa (2017b) que pensa as manifestações estéticas e intelectuais, como a escrita e a tradução, de pessoas negras como forma de resistência política e subjetiva nos espaços da diáspora. Importantes para todo projeto tradutório, os conceitos de estrangeirização e domesticação introduzidos por Schleiermacher e

Venuti são lembrados por serem relevantes também em nosso trabalho. Finalizando este segundo capítulo, abordamos a forma como têm sido traduzidas autoras negras, o respeito às temáticas e vivências dessas textualidades, e a consciência sobre o local de enunciação da pessoa tradutora.

No nosso terceiro capítulo falamos sobre os problemas encontrados na obra traduzida *Child of the Dark*, trouxemos questões apontadas por pesquisas acadêmicas que já se debruçaram sobre essa obra e refletimos junto a elas (Feitosa, 2008; Bahia, 2019). No subcapítulo analisamos o perfil do tradutor David St. Clair, suas crenças e pensamentos a respeito do texto-fonte *Quarto de Despejo* e sua autora, a cultura e sociedades brasileiras sobre as quais emitiu opiniões controversas através do prefácio de sua tradução. Essas informações nos ajudaram a compreender, de alguma forma, as tendências por trás das escolhas do tradutor que interferiram negativamente no texto-fonte e tornaram sua tradução muito problemática.

Abrimos o quarto capítulo deste trabalho recuperando as questões abordadas nos capítulos anteriores sobre as teorias utilizadas e a tradução descuidada que provocou o interesse para pensarmos e propormos um exercício de tradução responsável e ético para *Quarto de Despejo*. No primeiro subcapítulo apresentamos nossa metodologia e detalhamos os passos para o desenvolvimento do trabalho tendo a análise qualitativa como abordagem para analisar texto-fonte e tradução. No subcapítulo seguinte temos, no que consiste, o conceito de tradução comentada a partir das propostas da pesquisadora Marie-Hélène Torres. No penúltimo subcapítulo arejamos as análises literárias sobre *Quarto de Despejo*, através do olhar da escritora Conceição Evaristo vimos uma crítica literária renovada contra reducionismos sobre a obra de Carolina. Ao final desse capítulo apresentamos as traduções feitas com a justificativa de nossas escolhas, além de trazer comentários sobre os trechos selecionados do texto-fonte e de apontar nossas críticas à tradução de St. Clair. No quinto capítulo apresentaremos as considerações finais.

### **1.1 Surgimento de Carolina Maria de Jesus no cenário literário brasileiro**

Carolina Maria de Jesus já figura entre pessoas escritoras que compõem o cânone da literatura brasileira e, é bem verdade, a forma como sua entrada no sistema literário se deu prenunciava que seu pertencimento ao mundo das letras era mais do que legítimo. *Quarto de Despejo*, obra que a fez mais conhecida, foi publicada em 1960 com uma recepção pelo público leitor que surpreendeu a Livraria Francisco Alves, que tinha disponibilizado inicialmente uma

tiragem pequena, com trinta mil exemplares de livros vendidos. Duas décadas antes, em 1940, Carolina teve seu poema *O colono e o fazendeiro* publicado no jornal paulistano *Folha da manhã* em uma matéria intitulada “Carolina Maria, poetisa preta” que destacava sua potência enquanto poeta (Nascimento, 2022, p. 30) o que demonstra sua longa trajetória de escrita.

A escritora construiu *Quarto de Despejo* em formato de diário através de alguns anos, o conteúdo compreende do ano de 1955 até 1960, em uma narrativa em primeira pessoa em que relata seu cotidiano ao lado dos três filhos na recém-criada favela do Canindé que se localizava às margens do rio Tietê. Migrante de Sacramento em Minas Gerais, a experiência de vida na favela e toda sua precariedade era algo novo para Carolina, que com sua escrita pungente se fez porta-voz das denúncias contra as desigualdades da cidade de São Paulo.

Em várias páginas de seu diário, Carolina escreve sobre seu ideal de ser artista, poeta, e de concretizar o lançamento de seu livro. Ela buscou ativamente fazer seu sonho acontecer apresentando sua obra à diversas editoras que não se interessaram pela publicação, ofereceu seu livro até mesmo a um veículo internacional, a revista norte-americana *Seleções da Reader’s Digest*, que devolveu seu manuscrito causando frustração à autora. Em *Quarto de Despejo* Carolina registrou seu desapontamento nas ocasiões em que teve seu trabalho rejeitado e sua alegria quando pode ler seu nome no livro impresso.

Após alguns anos de procura por editoras que aceitassem publicar seu trabalho, Carolina enxergou através do jornalista Audálio Dantas a possibilidade de publicar *Quarto de Despejo* podendo assim vislumbrar a melhoria de vida com a qual sonhava ao longo de seu diário. O jornalista fazia uma reportagem para o jornal *Folha da Noite* sobre a inauguração de um playground na favela, oportunidade que a autora aproveitou para se fazer notar. Foi a partir desta ocasião que Carolina apresentou seus cadernos manuscritos a Dantas, que produziu reportagens sobre a artista, e então os levou à livraria Francisco Alves pela qual finalmente teve seu livro publicado. Começava a se aproximar para ela a esperança concreta de afastar de si e dos filhos a miséria, as hostilidades que encontravam na favela do Canindé e via seu ideal de ser uma escritora publicada se tornar realidade.

O grande sucesso de *Quarto de Despejo* em território nacional gerou também um interesse internacional ocasionando publicações para outros idiomas através das traduções. A primeira tradução para a língua inglesa do diário da escritora foi feita em 1962, com o nome de *Child of the Dark* pelo tradutor David St. Clair. Além do inglês, Carolina teve versões de sua obra para mais treze idiomas, e seu livro foi várias vezes reeditado ao longo dos anos nos Estados Unidos e Alemanha, por exemplo.

Carolina Maria de Jesus tinha mais do que *Quarto de Despejo* entre suas ambições de publicação, escrevia diversos gêneros textuais: contos, romances, poesias, e demonstrava que sua real satisfação enquanto artista era escrever ficção. Também investiu para ter outras de suas obras publicadas usando os rendimentos que obteve através de seu livro de sucesso.

Desde seu surgimento na cena literária até pouco mais de seis décadas depois, o interesse pelas criações de Carolina Maria de Jesus oscilou entre o destaque e o esquecimento. Após a morte da autora, sua filha Vera Eunice teve acesso às cartas deixadas por ela onde expressava o desejo de que sua arte permanecesse, pedia que a fizesse ser publicada e conhecida em todas as expressões de seus anseios artísticos: peças de teatro, letras de músicas, contos, romances etc. Ter suas obras publicadas foi algo que Carolina almejou durante sua vida e que gostaria que acontecesse postumamente também.

## **1.2. O lugar de enunciação da pessoa tradutora.**

Neste trabalho em que me proponho a também pensar criticamente sobre o trabalho do tradutor estadunidense David St. Clair em *Child of the Dark* e questionar o local branco centrado do qual traduz, preciso fazer o mesmo exercício sobre a partir de qual lócus de enunciação estou e do qual pretendo trabalhar com o texto de Carolina Maria de Jesus. Essa reflexão sobre minha subjetividade é necessária porque é salutar que eu me examine e questione como parte de uma prática tradutória responsável e ética. Além disso, es leitores de uma tradução produzida por mim podem estar informados sobre minha identidade e de que forma me aproximo desse texto.

Uma vez que sou uma mulher cisgênero, oriunda de uma classe socioeconômica baixa e me identifico enquanto parda posso me aproximar um pouco do lócus de enunciação de Carolina Maria de Jesus, reconhecendo em alguma medida as questões postas por ela em sua escrita. Por outro lado, não tendo eu vivido suas experiências de extrema precariedade e de ser uma mulher negra retinta em um país profundamente racista faço a escolha de trabalhar com seu texto a partir de uma relação de afeto por sua potência literária e força sócio-política. É a partir dessa relação e através das reflexões teóricas em tradução e literatura negra que me proponho ao exercício de traduzi-la, buscando também que minha prática seja uma ferramenta política antirracista. Entendo que preciso estar atenta a forma em que me posiciono em relação a sua textualidade, no cuidado ético à sua alteridade buscando estar consciente da minha

falibilidade enquanto tradutora, de forma que procuro me cercar de cuidados para minimizar os riscos de desvios das propostas de seu projeto literário.

Enxergo em reflexões postas em trabalhos como *Traduzindo no Atlântico Negro: Dinâmicas Exusíacas em Rotas de Fuga e Performances de ReLigação AfroANCESTRAL* (2023) a importância exercida pelo lócus de enunciação ocupado pela pessoa tradutora em relação ao texto. Entre essas reflexões destaco o texto *Duas histórias sobre o Gavião contadas no antigo protetorado do Sul da Nigéria; ou texto de apresentação da tese de doutorado de uma tradutora de histórias contadas* (2023) da professora e tradutora Feibriss Cassilhas, a partir do qual demonstra as potencialidades do trabalho de quem traduz enquanto agente reversor de silenciamentos e violências que viabiliza narrativas contra coloniais. É enriquecedor para a própria prática de tradução que a pessoa tradutora torne sua subjetividade e identidade visíveis, se apresentando enquanto sujeito e informando qual seu envolvimento e motivação para com a textualidade com que escolhe trabalhar.

Se denominando enquanto uma tradutora de histórias contadas, Cassilhas traz o texto introdutório que foi apresentado na defesa de sua tese de doutorado intitulada *Tradução de Histórias do Sul da Nigéria: Por uma consciência da tradução-contação na voz de uma bixa preta transviada no Brasil*, em que se apresenta e discorre sobre o conteúdo de sua pesquisa. Ela conta duas histórias que traduziu do inglês para o português que eram contadas em línguas africanas no território da Nigéria e que, em um contexto colonial, foram traduzidas para o inglês europeu e escritas pelo comissário distrital Elphinstone Dayrell. A proposta da tradução de Cassilhas é de reverter as leituras dessas histórias feitas por sujeitos hegemônicos que delas se utilizaram para estigmatizar povos africanos:

[...] ao contar essas histórias traduzidas eu ressignifico a sua existência traduzidas em mim pelo meu corpo e subjetividade bixa preta transviada como um processo de cura de feridas coloniais, para não perpetuar justificativas a colonização que criou a narrativa da necessidade de uma intervenção branca e europeia para se ter proteção, justiça, e paz; ao traduzir histórias, eu denuncio a hipocrisia da metrópole que é opressora injusta e violenta. (CASSILHAS, p 16. 2023)

Contrariamente a uma postura pretensamente universal e neutra, que Cassilhas compreende como uma forma de silenciamento de vozes não hegemônicas, a tradutora traz na introdução de seu texto o posicionamento que adota em seu trabalho: [...] “apresento minha intenção de que este trabalho seja uma atividade de exercício de escrita que não se propõe neutra nem universal, uma escrita marcada que traz a minha experiência e a minha vivência para a pesquisa como fundamental.” Inspirada em posturas como a da professora Feibriss Cassilhas



pretendo a partir dessa minha experimentação inicial traduzindo as vivências da autora Carolina Maria de Jesus ter em mente que enquanto tradutora não ocupo um lugar de neutralidade neste fazer. Devo me questionar em minha subjetividade, escolhas e motivações ao traduzir, ciente das responsabilidades e potencialidades que carregam essa atividade.

## 2 - REDES DE CUIDADO PARA COM A TEXTUALIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Em um momento histórico onde o que se procura é a afirmação das identidades diversas e o rompimento com os silenciamentos e as interdições em espaços de expressão de si, assim como na literatura, há uma demanda pela ocupação de espaços e por ações que visam reparar apagamentos impostos a alguns sujeitos. O movimento antirracista (Davis, 1981) que faz um convite a uma prática efetiva de combate às formas de opressão racial e negação de acesso a direitos e oportunidades contra populações negras tem atuado significativamente neste sentido. Em um cenário como este, e como uma resposta a tais demandas é que se oportunizam realizações como a da Editora Companhia das Letras de publicar a extensa obra da autora Carolina Maria de Jesus. Até o momento as obras publicadas foram os dois volumes do também diário *Casa de Alvenaria* (JESUS, 2021) escritos pela autora sobre sua vivência nos bairros de Osasco e Santana e recentemente o romance inédito *O escravo* (2023). A editora por meio de seu blog e na imprensa veiculou declarações sobre o projeto de publicação. Sem se implicar nem se aproximar de uma autocrítica o blog da Companhia das Letras afirma que o projeto é um “esforço de reparar a rejeição e estigmatização que Carolina Maria de Jesus por décadas sofreu dos círculos literários” (Blog da Companhia, 2021), e segue ainda reconhecendo que esta situação é “fruto de um racismo estrutural que lhe negava a presença nesses espaços” (Blog da Companhia, 2021). Para a editoria da obra completa de Carolina Maria de Jesus foi reunido um grupo de pesquisadoras que integram o conselho editorial para a organização dos escritos da autora de *Quarto de Despejo*. O entendimento da necessidade de se compor um conselho formado em grande parte por mulheres negras, pesquisadoras especializadas na autora, se apresenta como concretização do reconhecimento de que tal obra requer um olhar mais respeitoso e de cuidado para suas características particulares. Respeito e cuidado que ao longo de décadas não foram empregados nas diversas edições publicadas de originais e traduções em seus textos, paratextos, etc.

O conselho editorial conta com a coordenação de Vera Eunice de Jesus, professora e filha de Carolina Maria de Jesus, da escritora Conceição Evaristo e ainda das pesquisadoras Amanda Crispim, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda e Raffaella Fernandez. Em uma das transmissões feitas para apresentação do projeto e de suas integrantes através do site Youtube no canal da editora Companhia das Letras (Companhia das Letras, 2021.), as pesquisadoras do conselho compartilham com o público como se desenvolveu todo o processo editorial entre elas e como construíram juntas e a partir da obra da autora uma coesão em torno da maneira de como

se deveria lidar com os textos. Sendo referida pelas demais participantes como a mentora do conselho por ser a mais velha entre elas, sendo também professora universitária de Literatura Comparada, a escritora Conceição Evaristo sublinha como principal objetivo do trabalho do conselho editorial o de evidenciar o protagonismo da autora Carolina Maria de Jesus.

Vera Eunice, que aparece nas primeiras linhas de *Quarto de Despejo*, compartilha uma parte da carta que Carolina Maria de Jesus endereçou e escreveu para ela e que descobriu após o falecimento da mãe. O desejo da escritora era que sua filha fosse como uma guardiã de sua obra, e que fizesse seu projeto literário ser levado à frente, queria que seus inéditos fossem publicados e sua obra tornada permanente.

Vera Eunice elogia as componentes que formam o conselho e o trabalho de transcrição das participantes, mencionando a dificuldade que se apresentou muitas vezes pela caligrafia dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus. A publicação de *Casa de Alvenaria*, diz Vera Eunice, entre outras obras é a concretização do sonho de sua mãe. Ambas a caçula da escritora e Conceição Evaristo concordam e destacam a coesão entre as conselheiras como parte importante para o resultado bem-sucedido do texto final.

Desprender a obra de Carolina Maria de Jesus das injustiças que a literatura brasileira costuma ter para com certos autores é a grande contribuição desse projeto de publicação de suas obras. Conceição Evaristo (Companhia das Letras, 2021.) fala de como o conselho editorial contribui para uma renovação, de como a voz de Carolina Maria de Jesus se apresenta, em suas palavras “arejando sua escrita e a livrando de leituras viciadas”. A também escritora mineira ilustra como é fundamental distinguir como Carolina Maria de Jesus foi vista e editada como personagem e como é fundamental reconhecê-la por ela mesma, a Carolina escritora.

Para Conceição Evaristo é papel e mesmo um dever, ela diz, de grandes editoras como a Companhia das Letras publicar autoras como Carolina Maria de Jesus como movimento de contribuição e reparação para a democratização da literatura, também de reverberação da autoria de mulheres negras. Fugir do automático foi o que a autora de *Ponciá Vicêncio* destacou como norte importante a ser seguido pelas participantes do conselho. Fernanda Felisberto que é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro relembrou as recomendações feitas por Conceição Evaristo, que se utilizassem de todos seus sentidos para apreender de forma única o texto de Carolina Maria de Jesus, que estivessem acionando suas sensibilidades e subjetividades de mulheres negras para compreender as nuances da escritora que se mostra no texto. Como por exemplo, compreender a perceptível

ausência de uma palavra como um traço de cansaço da atarefada escritora. A oralidade presente na escrita de Carolina Maria de Jesus também foi uma característica especialmente observada e pontuada como parte sensível para o processo de edição e transcrição.

Conceição Evaristo como ensaísta, teórica de literatura e mentora do conselho, forneceu um novo caminho para a edição da obra de Carolina Maria de Jesus, nas palavras da pesquisadora Fernanda Felisberto dando “latitude teórica/autoral” para visibilizar a subjetividade da mulher negra que escreve em primeira pessoa. A mediação feita pelo conselho para as obras de Carolina Maria de Jesus é feita de modo que todas as nuances e facetas dos textos sejam aparentes e fuja de um apagamento já feito historicamente. Ainda foi pontuada a complexidade de se trabalhar uma obra feita em primeira pessoa como em *Casa de Alvenaria* e como é necessário sensibilidade para o trabalho de edição desse estilo de escrita.

Ao lado da edição do texto da autora, o conselho formado majoritariamente por mulheres negras é importante para a construção de uma fortuna crítica para sua obra através dos aparatos críticos inéditos. Para esse conselho nada é mais interessante do que Carolina Maria de Jesus tal como ela se apresenta; revisões, reescritas, apagamentos anteriores não interessam. Almejando o mínimo de interferência e diferenciando essas edições de outras antes publicadas com mediações e interferências violentas contra o texto da autora.

Dessa forma o conselho rompe com o epistemicídio histórico do mercado editorial brasileiro e da academia, como coloca em sua fala a pesquisadora Fernanda Miranda, também professora de Teoria da Literatura da Universidade Federal da Bahia e para a qual tal conselho não poderia reproduzir de forma alguma o epistemicídio contra a obra de uma autora negra, em lugar disso rompe com os apagamentos e invisibilizações que ele promove.

## **2.1. Pensando uma tradução responsável para *Quarto de Despejo***

O trabalho de conclusão de curso propõe estratégias tradutórias possíveis para lidar com a tradução de trechos selecionados da obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Pretende-se encontrar soluções tradutórias na língua inglesa que possam representar uma variedade linguística próxima daquela usada pela autora de forma a alcançar uma linguagem que guarde correspondências ao texto fonte.

É significativo pensar e investir na manutenção de registros linguísticos múltiplos na tradução de textos literários, eles devem aparecer também nas traduções porque são elementos

representativos importantes de determinados grupos sociais que podem escrever e serem lidos. Aqui, o que se quer é ultrapassar a mentalidade normativista e tradicionalista da antiga gramática prescritivista que elege e impõe uma única variedade da língua como correta e que marginaliza tantas outras. Não acreditamos em continuar a seguir uma tradição higienizadora do mercado editorial em suas traduções, promovendo apagamentos de registros linguísticos ricos de oralidades e coloquialismos. É preciso ainda questionar e verificar quem são esses que escrevem com essas marcas e quem os traduz e como, e o porquê o fazem. A escritora Conceição Evaristo que participa do conselho editorial reunido pela editora Companhia das Letras para reedição e publicação da obra completa de Carolina Maria de Jesus destaca sobre os escritos de sua conterrânea que “Pensar esse texto é pensar como as classes populares se apropriam da língua portuguesa e ainda quem a normatiza” defendendo a manutenção total do texto original.

Para ilustrar o persistente reacionarismo do mercado editorial, e mesmo de especialistas na área de literatura, e seu preconceito linguístico (Bagno, 1999) podemos recuperar algumas críticas negativas (REBINSKI, 2021) as quais algumas edições de obras de Carolina Maria de Jesus publicadas pela Companhia das Letras foram alvo. Alguns críticos (REBINSKI, 2021) apontaram que manter as marcas linguísticas da autora, marcas classificadas por esses como “erros gramaticais”, seria colocá-la no local de escritora exótica citando que a manutenção dos “erros” raramente acontece após as revisões de textos literários e que não há autor que não deseja ter seu texto “corrigido” visto que o processo de revisão textual é algo conveniente e corriqueiro. A docente da Universidade Federal de Brasília (UnB) Regina Dalcastagnè (REBINSKI, 2021) vinculada ao Departamento de Teoria Literária dessa universidade se manifestou, à época de seu lançamento, publicamente através de redes sociais na internet para criticar o fato de a editora Companhia das Letras ter publicado os dois volumes de *Casa de Alvenaria* mantendo a fidelidade à ortografia utilizada pela autora. A docente parece ignorar as premissas e decisões do conselho formado para editoria e publicação da obra de Carolina Maria de Jesus formado por mulheres negras especialistas em literatura e com vasta experiência de pesquisa na obra da autora. Por que não deixar chegar aos leitores o texto de Carolina Maria de Jesus assim como ela o idealizou? Deixar a literatura de Carolina Maria de Jesus *poder ser* e que ela falasse por ela mesma através de sua escrita foram as propostas do conselho editorial ao ter como princípio a interferência editorial mínima para a reedição de sua obra.

Carolina Maria de Jesus foi impedida de acessar a norma-padrão da língua portuguesa como muitos indivíduos brasileiros aos quais foi interdito o acesso à educação formal de

qualidade e impelidos ao mundo do trabalho informal e precarizado. Trata-se de afirmar e celebrar uma obra escrita por uma mulher negra a quem o direito à educação e outros direitos básicos foram negligenciados, sua linguagem coloquial e com marcadores de oralidade são reflexo disso. Características que não devem diminuir sua relevância e brilhantismo, as marcas de ancestralidade expressas na coloquialidade e oralidade em *Quarto de despejo* devem aparecer também nas traduções porque são elementos representativos importantes de um grupo social que pode escrever e ser lido. Conceição Evaristo presenteia o leitor com análises importantes nos dois volumes de *Casa de Alvenaria*, em um deles intitulado como *Outras Letras: Tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus* assinado juntamente com Vera Eunice de Jesus, elas nos falam dos motivos pelos quais o conselho editorial defendeu e insistiu junto à editora para que o texto de Carolina Maria de Jesus fosse publicado com a mínima interferência possível. Em um texto feito com muita sensibilidade e com uma leitura aprofundada de Carolina Maria de Jesus enquanto autora e sujeito histórico, as coordenadoras do conselho ilustram todo o empenho e trabalho artístico da escritora destacando a engenhosidade de sua escrita, sua imensa vocação para esse ofício e as qualidades literárias do que produziu.

Ao longo da realização deste trabalho refleti e exercitei as diversas possibilidades que a atividade tradutória possui e como pode contribuir para uma postura e práticas antirracistas (Davis, 1981) em sociedades marcadas por resquícios da inferiorização de indivíduos por sua pele negra. Queremos refletir sobre a responsabilidade do tradutor e seu lugar social ao fazer mediações e representações através de seus trabalhos, particularmente quando traduz textos produzidos por indivíduos negros.

Para fundamentar esse projeto de pesquisa não ignoraremos as teorias consagradas e que apresentam conceitos básicos do campo em que está inserido: os estudos da tradução. Conceitos como domesticação e estrangeirização são também fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho, seus teóricos principais como Lawrence Venuti e Schleiermacher contribuíram de forma essencial para os estudos da tradução.

Para isso, esse trabalho que tem a proposta de apresentar possíveis traduções para alguns trechos do livro *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus procura se apoiar em uma rede de autores (Schleiermacher, 2007; Venuti, 2000) que são referência no campo dos estudos da tradução e em pesquisas e reflexões mais recentes que buscam renovar e aprofundar as perspectivas em tradução acerca de textos negros (Carrascosa, 2017b).

Ainda, essa pesquisa busca selecionar como principal alicerce de sua base teórica produções intelectuais não-canônicas, por assim dizer, que ampliam nossa visão acerca de como se fazer tradução e tradução de textos negros de forma racialmente consciente e como uma prática antirracista. A escolha dessa pesquisa pelo aparato teórico selecionado se deve a noção da necessidade de ultrapassar as teorias mais tradicionais que não dão conta inteiramente dos textos afrodiáspóricos e experiências neles contidas.

## 2.2. Reposicionando o fazer tradutório.

As teorias consolidadas na área de tradução, majoritariamente composta por autores que são ocidentais, do gênero masculino, brancos, cisgêneros e heterossexuais, não são suficientes ou mesmo contemplam as características de textos afrodiáspóricos. Esses textos requerem também capacidade técnica de tradução, perpassam pelo conhecimento de questões linguísticas e culturais e exigem consciência, letramento racial e social. São muitas as complexidades com as quais nos deparamos ao traduzir textos de autores afrodiáspóricos. A pessoa tradutora dispõe de alguns recursos técnicos para auxiliá-la na tarefa de realizar uma tradução ética e responsável, mas muito mais é necessário.

Procuraremos renovar essas teorias tradicionais através de perspectivas que possam auxiliar no desenvolvimento do tema da pesquisa. Por isso, nos voltaremos a outras formas de pensar sobre tradução, uma que esteja investida em olhar para questões raciais, de classe e de gênero de forma a melhor compreender os trechos selecionados de *Quarto de despejo* que é a obra com a qual trabalharemos. Uma das referências mais centrais e importantes aqui serão as reflexões propostas pelo grupo de pesquisa *Traduzindo no Atlântico Negro* (doravante TAN) coordenado pela professora Denise Carrascosa (UFBA) a partir do livro *Traduzindo no Atlântico negro: Cartas Náuticas Afrodiáspóricas para Travessias Literárias* (Carrascosa, 2017a).

A tradução de textos afrodiáspóricos feita por sujeitos negros ou por aqueles que tem compromisso ético e responsabilidade (Nós, 2017) nos dá textos muito mais cuidadosos com relação às diversas identidades a fim de minimizar os riscos de produzir violências contra elas. O processo de socialização produz identidades diferentes para pessoas negras e brancas, assim quem traduz está sempre expondo muito de sua subjetividade e visão de mundo. Alguém que teve sua subjetividade formada em sociedade como pessoa branca ao lidar com textos negros não possui a vivência de um indivíduo negro e, portanto, a tradução se torna uma tarefa que

requer sensibilidade e especialização daquele que se propõe a lidar com suas temáticas potencialmente sensíveis.

Um tradutor que está distante das temáticas negras, que não está atento e sensível a subjetividades outras além do lugar do branco corre o risco de incorrer em agressões ao texto com o qual está trabalhando. Se não está investido em fazer um sério e respeitoso trabalho de pesquisa em relação a essas temáticas nem preocupado em se conscientizar sobre tais temáticas o resultado pode ser desastroso para com o texto. O tradutor pode adotar uma postura ética, sobretudo ao aceitar o desafio de traduzir um texto afrodiaspórico, pode procurar se especializar em diversas temáticas que mais se identificar a fim de produzir trabalhos que fogem do automático e que respeite as identidades que aparecem no texto.

O TAN ao publicar seu primeiro livro com capítulos de autorias diversas traz ao campo dos estudos da tradução novas perspectivas e teorias a partir do pensamento negro-feminista. O TAN apresenta o debate e suscita questionamentos sobre as formas de traduzir e os sujeitos tradutores nos seus locais sociais e nos dá caminhos para lidarmos com a tradução de textos afrocentrados para não incorrerem em violências contra tais textos.

Além disso, as intelectuais do grupo de pesquisa nos mostram como a tradutora/autora negra consegue enriquecer seu texto porque conhece intimamente as temáticas dos textos afrodiaspóricos. Ao acionar sua subjetividade, até mesmo seu corpo com suas marcas e experiências, a tradutora produz resultados dinâmicos e que diferem das práticas tradutórias estanques eurocêntricas. Por isso, essa prática nunca é imparcial, ela parte sempre da vivência da tradutora: “A tradução negra de textos afrodiaspóricos como tradução escreviente pode ser pensada como performance de emancipação pessoal e coletiva.” (Nós, 2017, p. 24)

As pesquisadoras desse grupo têm como interesse a tarefa de contribuir para o avanço das formas de se traduzir textos produzidos por indivíduos negros a partir de suas próprias vivências e experiências como mulheres negras ou como tradutoras que estejam investidas em uma ética de cuidado (Spivak *apud* Campos, 2017) para com tais temáticas.

Adotar uma ética de cuidado é ser um *Agente Ético*, conceito da teórica Gayatri Spivak (Spivak *apud* Campos, 2017) que alerta sobre o risco intrínseco de violências que existem ao traduzir e aponta a busca por um caminho ético no qual o tradutor se cerca de cuidados para minimizá-las. Esse conceito é apresentado no capítulo da pesquisadora Paula Campos *DESCOBRINDO UMA TRADUTORA ou por uma tradução responsável e ética* (2017) no qual a tradutora discorre sobre sua atividade como tradutora branca de um texto negro e como trilha



esse caminho ético buscando o desconforto que a mantém atenta para produzir uma tradução política e responsável.

Essas produções acadêmicas são fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho que busca ultrapassar o modelo tradicional de tradução pelo qual já passou o texto de Carolina Maria de Jesus. As contribuições do livro *Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias* (2017) são essenciais e renovadoras, auxiliando no desenvolvimento seguro e cuidadoso desse trabalho que se preocupa em evidenciar e não apagar ou rasurar a escrita da autora que está sendo traduzida.

Concernente às questões linguísticas de oralidade e coloquialidade, estamos falando do respeito e atenção aos usos linguísticos feitos pela escritora Carolina Maria de Jesus que anteriormente foram negligenciados por sujeitos tradutores como David St. Clair em *Child of the Dark* (1962) que através de sua tradução demonstrou não ter tido interesse em tornar visível sua complexidade literária e subjetiva e nem em manter a representação de seu estilo de escrita e usos divergentes de uma norma-padrão uniformemente adotada em trabalhos de tradução.

### **2.3. Afrodiasporicidade**

Denise Carrascosa (2017b), em *por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas*, apresenta o tema da afrodiasporicidade do qual se utiliza para discorrer sobre reflexões teóricas sobre a prática contemporânea da tradução.

Nós (2017) e Carrascosa (2017) retomam a metáfora usada por Paul Gilroy em e sobre o ‘Atlântico Negro’ e tece uma escrita repleta de vocabulários do léxico náutico para teorizar sobre o que é a afrodiasporicidade. O conceito pode ser entendido como a tradução, metafórica e literal, da experiência vivenciada por pessoas negras nas Américas. A articulação de subjetividades negras, através das diversas linguagens artísticas, que subvertem discursos e mentalidades da ordem hegemônica no poder que é branca e racista.

A Afrodiasporicidade é a experiência de pessoas negras, descendentes de africanos escravizados, espalhados pelo continente americano que criam rotas de fuga contra o que receberam como herança colonial de um projeto de subalternização.

Carrascosa (2017b, p.66-67) cita Carolina Maria de Jesus, entre outros autores, *e a força micro-política de uma poesia do cotidiano* em sua escrita como exemplo de modo de ação que a autora cria para enfrentar problemáticas e performatizar sua subjetividade.

Ao falar por si, Carolina Maria de Jesus atua como sujeito político subvertendo o lugar social que a sociedade e o Estado a relegam. A denúncia da fome, desigualdade social, a precariedade da vida na favela e desastres causados pelo abandono e descaso estatais são denunciados pela autora em seu diário. Essa mesma escrita é a expressão da resistência e força da experiência afrodiáspórica de que fala Gilroy e que Carrascosa (2017b) retoma.

A reinvenção de si, a potencialidade de criação de novas subjetividades positivadas em um terreno repleto de adversidades. A escrita de uma mulher negra pouco escolarizada que fala contra as mazelas produzidas pela diáspora negra forçada que conduziu muitos aos ‘quartos de despejo’, às vidas precarizadas, mas que ainda assim consegue afirmar sua dignidade e reivindicar justiça social.

#### **2.4. Estrangeirização e domesticação**

Para orientar as reflexões feitas ao longo desse trabalho de pesquisa em relação às estratégias domesticadoras e estrangeirizantes no processo tradutório serão utilizados como base teórica dois dos principais autores dessa área de estudo. O teórico alemão Schleiermacher (2007, p. 233-265), vanguardista nas reflexões sobre a atividade do tradutor e as relações entre culturas mediadas pela tradução. E ainda o americano Lawrence Venuti (2008, p.19), o responsável por desenvolver ainda mais os conceitos colocados por Schleiermacher (2007, p. 233-265), consolidando os conceitos de estrangeirização e domesticação.

Schleiermacher (2007, p. 233-265) distingue em *Sobre os diferentes métodos de traduzir* o papel do intérprete e do tradutor, demonstra a impossibilidade da equivalência entre línguas, aponta soluções para essa questão e lança as bases para os conceitos de estrangeirização e domesticação. Nesta obra relevante para o desenvolvimento da teoria da tradução o autor discorre sobre a não correspondência exata entre os léxicos de diferentes línguas e mostra que a distância temporal e de origem entre elas as tornam muito diferentes entre si e, portanto, raramente equivalentes. Schleiermacher (2007, p. 233-265) apontou duas alternativas para lidar com a não equivalência: a paráfrase e a imitação. Na paráfrase o tradutor seleciona um termo mais próximo possível para chegar ao sentido do termo posto no texto-fonte. Na imitação o tradutor vai reescrever baseando-se em outros trechos do texto buscando alcançar o efeito parecido ao do texto-fonte. O tradutor deve seguir a mesma tendência de escolha ao longo do mesmo texto, seja familiarizando o texto ou mantendo as suas características para ser interpretado pelo leitor.

Para Venuti (2008, p.19) os conceitos de estrangeirização e domesticação surgem por conta da necessidade do tradutor em produzir um texto que seja coerente do início ao final. Na domesticação o tradutor produzirá um texto que seja fluente e de fácil acesso para o leitor. De forma que esse sintá-se familiarizado com o que está lendo, sem estranheza com sua linguagem. Optando por essa alternativa ao traduzir, o tradutor tem liberdade para criar um texto que não seja mera cópia, mas uma imitação capaz de causar no leitor a impressão de ler a obra original. Para isso, o tradutor não deve colocar no texto marcadores linguísticos, sociais e culturais que o afetem de forma a modificar o que está no texto original. Ao escolher pela estrangeirização, o tradutor produzirá um texto que causará ao leitor uma ‘resistência’ ou certa dificuldade no entendimento do conteúdo, o que exigirá dele uma maior capacidade de interpretação para apreensão de seu sentido. Isso acontece porque o tradutor opta por manter as características do texto original e de sua cultura de origem.

## **2.5. A tradução das experiências de mulheres negras.**

A produção de literaturas negras e a tradução dessas obras oportunizam o fomento da educação, conscientização e enfrentamento das questões raciais com as quais a sociedade como um todo tem de lidar. A pessoa que traduz está agindo politicamente sempre, seja ao optar pela omissão ou ao se posicionar na mediação das relações entre as forças de poder que estão em jogo no texto. Refletir sobre seu posicionamento frente às experiências de identidades negras, de todos os gêneros, é parte fundamental de um projeto de tradução. A mulher negra, principalmente, está ainda mais suscetível a um número maior de opressões em sociedade (Akotirene, 2019), o que se reflete também no respeito à expressão de sua intelectualidade.

A autora Carolina Maria de Jesus, como sujeito afrodiaspórico, resiliente, contraria a gramática e sua escrita apresenta oralidade, subverte, surpreende e contraria as expectativas de um cânone, de uma sociedade que oferece barreiras através de sistemas estruturais que dificultam o acesso aos espaços de poder e de emancipação (TONET, 2005) de uma mulher negra pauperizada que se produz como poeta, escritora, e é interprete e crítica dessa mesma sociedade que a impele a processos de subalternização, sabotando suas potencialidades.

O texto de Carolina Maria de Jesus é permeado por especificidades que exigem do tradutor muito cuidado e atenção. É fundamental que esse profissional o entenda em seu contexto, o lugar social, racial e de gênero da autora. Dessa forma, estamos em busca de práticas

tradutórias como meio de resistência e fortalecimento de culturas negras, além da afirmação de uma valoração positiva do feminino.

Por isso, para dar a oportunidade às comunidades falantes das diversas variedades da língua inglesa de conhecerem a experiência do sujeito afrodiáspórico Carolina Maria de Jesus, e possibilidades de reconhecimento sejam estabelecidas, um caminho possível pode ser através, por exemplo, das marcas linguísticas do Black English como nos mostra Paula Campos (TAN, 2017) com sua tradução para um texto dramático de Langston Hughes que contém marcas do Black English transcribando o texto com marcas do falar soteropolitano.

A produção textual de mulheres negras e suas consequentes traduções são manifestações a serem celebradas, fomentadas e incentivadas uma vez que esse grupo social específico historicamente sofreu com processos que distanciaram essas mulheres da vida acadêmica e do reconhecimento de suas produções intelectuais. Temos a escritora negra mineira Conceição Evaristo (Socorro, 2023), por exemplo, com um projeto literário bem definido de emancipação das subjetividades de homens e mulheres negros através da utilização de uma experiência própria, que ela denomina como “escrevivência”, para a criação de narrativas que geram reconhecimento e reflexões a partir de contextos históricos compartilhados por sujeitos negros em busca de uma conscientização de si e dos processos aos quais foram submetidos e que explicam suas circunstâncias em vias de uma politização para a viabilização de mudanças sociais.

Em seu primeiro romance publicado, *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo (Socorro, 2023) constrói a narrativa da personagem de mesmo nome da obra, que é uma mulher negra e que vive em um período próximo ao fim da exploração escravocrata de pessoas negras trazidas forçosamente do continente africano em um Brasil colônia. Nesse cenário afrodiáspórico, a autora se utiliza de elementos da cultura afrobrasileira para compor os signos com os quais a personagem principal interage e que possuem significados importantes dentro de sua história e que compartilha com a comunidade a qual pertence. Um texto como *Ponciá Vicêncio* que é permeado em grande parte por elementos culturais muito particulares de determinado local, elementos religiosos principalmente, torna-se um material de trabalho para a pessoa tradutora que vai exigir uma tarefa extensa de pesquisa, uma disposição para o despojamento de preconceitos e o cuidado ético necessário para todo projeto de tradução.

Observando esses fatores é que o pesquisador Jeferson Santos do Socorro apresentou sua discussão no segundo volume de uma obra escrita pelo grupo de pesquisa TAN, no livro *Traduzindo no Atlântico Negro: Dinâmicas Exusíacas em Rotas de Fuga e Performances de*

*ReLigação AfroANCESTRAL* (Carrascosa et al., 2023) com seu texto intitulado *análise das escolhas tradutórias para as especificidades histórico-culturais afrodiáspóricas na tradução do romance Ponciá Vicêncio*. Socorro (2023) oportunamente discute e reflete questões fundamentais para uma tradução do texto de Conceição Evaristo discorrendo sobre as escolhas feitas pela tradutora Paloma Martinez, autora da tradução de Ponciá Vicêncio para a língua inglesa. Socorro ressalta que ao traduzir textos afrodiáspóricos é necessário muito cuidado porque esses textos em sua maior parte estão implicados com questões políticas, e tem como um dos objetivos afetar seus leitores para a construção de novas mentalidades e sensibilização para as temáticas que são colocadas pela população negra.

Além de reunir capacidade técnica com o conhecimento do idioma e os conhecimentos extralinguísticos culturais, sociais e raciais etc. a pessoa tradutora de acordo com Socorro “tem que se afetar com o texto que traduz, assim pode ganhar sensibilidade para compreender dimensões que extravasam o linguístico” (2023, pág. 62) ou seja, para o pesquisador quando quem traduz desenvolve uma relação de afetuosidade com a textualidade para a qual tem um projeto tradutório essa tarefa se torna mais enriquecida uma vez que a compreensão desse objeto pela pessoa tradutora pode se ampliar, dessa forma alcançando resultados tradutórios mais autênticos próximos de uma consonância maior com o texto fonte. A sensibilidade adquirida pela pessoa tradutora ao se deixar afetar amorosamente pelo texto a auxilia a conseguir um resultado mais assertivo e também a acessar e apreender a cultura do texto-fonte com seus signos e significados. Contudo, ainda de acordo com Socorro a possibilidade do deslize estará sempre presente, sendo inevitável, por conta de se estar lidando com diferenças culturais. Um caminho apontado por Socorro é que a pessoa tradutora estabeleça com o texto uma relação de “aceitação e respeito” e que se posicione horizontalmente frente a ele, rejeitando qualquer postura autoritária para que não se constitua em uma ameaça a esse (2023, p. 62).

Socorro (2023) vai nos apresentar uma reflexão sobre o *locus* de enunciação de quem traduz, nos mostrando como, de fato, o lugar social da pessoa tradutora vai influir no modo como esse indivíduo será capaz de lidar com o texto. Ele explica da seguinte forma: “O *locus* de enunciação pode afetar significativamente a relação tradutor-texto traduzido, provocando um olhar sobre o texto interno ou exterior no sentido do pertencimento ao que o texto orbita, o seu todo indissociável (tema, contextos, autor e elementos extratextuais).” (SOCORRO, p.62, 2023)

E segue afirmando que “Isso, contudo, não desautoriza tradutores com experiências e corporeidades distintas, mas os põem num outro *locus* enunciativo, cuja reação com o texto

exige cuidados éticos.”. Realizando uma verificação do perfil da tradutora de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, Socorro busca exemplificar e nos mostrar a importância de pensarmos sobre as identidades das diversas pessoas tradutoras e como essas identidades vão conduzir um projeto tradutório e quais resultados serão alcançados. Sendo uma mulher estrangeira longe de pertencer a uma identidade negra, a tradutora é também professora universitária e tem sua origem no estado da Califórnia (EUA), leciona literatura latino-americana e pesquisa temáticas como ficção mexicana e expressões culturais e artísticas brasileiras. Por mais que essa tradutora se apresente como alguém consciente e preocupada com identidades e culturas díspares da sua ela produz uma introdução para sua tradução que é permeada por equívocos sendo então “preocupantes do ponto de vista cultural e religioso” como nos vai mostrar Socorro.

Infelizmente a tradutora para a língua inglesa de *Ponciá Vicêncio*, assim como foi feito em *Child of the Dark*, não consegue ecoar e transmitir para os leitores falantes de inglês toda a potência criativa, política e literária da escritora Conceição Evaristo, impossibilitando inclusive que o leitor estrangeiro tenha acesso de fato à construção de ideias pensadas pela autora e toda a expansão de sua linguagem.

Em entrevista (JESUS et al., 2017) concedida à professora Feibriss Cassilhas, Conceição Evaristo compartilha a experiência que teve de conversar com uma tradutora de um texto seu para o espanhol e destaca a relevância da experiência para a tarefa de traduzir. Evaristo relembra a dificuldade que a tradutora teve em reconhecer o sentido de certa sentença de sua personagem (Ponciá), deixando de apreender a dimensão ancestral/espiritual de sua fala (“Ponciá não trabalha sozinha”). Destacando ainda a relevância que a oralidade possui em sua escrita e como essa é uma marca ancestral de culturas africanas, afirma que seu texto está permeado pela influência da oralidade e que a escritora negra é uma contadora de história, sendo esse um traço remetente à uma prática cultural africana. É bastante significativo notar como a própria autora viveu essa experiência em sua família, onde ouvia muitas histórias contadas oralmente, e como isso reflete na influência da oralidade em sua obra e no conceito de *escrevivência* que criaria mais tarde.

Por todo o exposto, Socorro (2023) ao longo de seu texto nos conduz a refletir sobre como é importante para o tratamento respeitoso e ético do texto que a pessoa tradutora esteja consciente de seu lugar de enunciação e da necessidade constante de pensar e repensar sobre sua identidade ao ter contato com identidades e culturas diversas por meio dos textos com os quais esteja trabalhando. Ao lidar com alteridades a pessoa tradutora precisa estar vigilante de si porque está sempre correndo o risco de cometer equívocos contra o texto e às identidades e

culturas nas quais ele se insere. Há também a tarefa extensa de pesquisa em todo projeto de tradução que se queira bem elaborado, e esse é um desafio presente em toda tradução e sobre isso quem traduz deve estar advertido e ciente dos desafios que um trabalho pode apresentar.

### 3 - PROBLEMAS DE TRADUÇÃO PRESENTES EM *CHILD OF THE DARK*

A tradução de *Quarto de Despejo* - diário de uma favelada para o inglês, *Child of the Dark*, teve papel importante na “sobrevivência” do texto de Carolina Maria de Jesus ao longo dos anos. Sua quase que imediata tradução após o lançamento do livro foi de grande importância para dar visibilidade e gerar interesse do público leitor pela autora, além de impulsionar traduções para vários outros idiomas e instigar a produção de trabalhos acadêmicos com temáticas afins. O autor da tradução, David St. Clair, alcança um resultado satisfatório do ponto de vista de algumas pesquisas realizadas (FEITOSA, 2008) na área dos estudos da tradução, mas também sofre muitas críticas (BAHIA, 2019), (FEITOSA, 2008) em relação a diversas escolhas que faz ao longo do seu texto.

As pesquisas utilizadas como fonte desse trabalho vão mostrar entre os vários aspectos questionáveis de seu texto traduzido, por exemplo, que St. Clair em grande parte de suas decisões tradutórias para os trechos onde figuram personagens femininos faz escolhas que trazem conotações negativas ou pejorativas às mulheres. Como quando traduz para *bitch* a palavra *bruta* utilizada por Carolina, apresentando um grau de agressividade crescente em sua tradução, como colocado por Bahia que mostra um quadro de erros semelhantes e atribui isso a erros de interpretação de St. Clair. Feitosa (2008) também apresenta esses erros e questiona o grau de proficiência do tradutor em língua portuguesa, o que pode apenas se supor, mas não saber ao certo pelo fato de as informações pessoais e profissionais disponíveis do tradutor serem escassas.

Não tendo experiência como tradutor de textos literários, St. Clair foi autor de livros com temáticas místicas e não está claro de que forma ele teve a oportunidade de traduzir o texto de Carolina Maria de Jesus. Estamos falando de um homem branco norte-americano, que não era um tradutor especializado lidando com o texto de uma mulher negra brasileira, texto esse que poderia ser considerado fora dos padrões mercadológicos e canônicos nacionais no período de sua publicação de estreia por não estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e produzido por uma autora oriunda de uma classe social pauperizada.

O tradutor apresenta um prefácio pouco convencional em sua tradução onde expõe muito pouco de suas escolhas linguísticas e desafios do processo de tradução e faz majoritariamente algumas análises bastante problemáticas sobre o Brasil, fazendo diagnósticos simplistas sobre a situação social e econômica do país, sobre a favela e seus moradores etc.



Ao lermos o prefácio de *Child of the Dark* podemos conhecer um pouco mais das tendências e posicionamentos de St. Clair que possui uma visão estereotipada sobre o Brasil e os brasileiros. É possível compreender, a partir desse paratexto revelador, os motivos que levam o tradutor a adotar certas nomenclaturas em seu texto e entender as escolhas que faz para termos importantes dentro do tema da obra e que raramente fazem correspondências com o texto-fonte. Em relação à Carolina Maria de Jesus e ao seu diário, St. Clair afirma no prefácio da sua versão para o inglês de *Quarto de Despejo* que não alterou a linguagem da autora em sua tradução, ele a descreve como o ‘urgente, cortado, discurso do pobre’ e sua escrita ‘direta, áspera e sem artificios’ (1962, p.XV).

O tradutor estadunidense apresenta uma obra que destoa em grande medida da voz que a escritora pretende imprimir em *Quarto de despejo*, o texto torna-se outro, naturalmente, mas não guarda as características principais do texto-fonte como por exemplo, o registro linguístico com suas marcas de oralidade, grafia e até mesmo os termos rebuscados utilizados pela autora, o tom poético, o lirismo, além do teor crítico.

Para além de suas características mais flagrantes, o autor da tradução para o inglês se distancia do texto em português porque acaba por incorrer em agressões contra esse uma vez que opta por termos inconsistentes, não equivalentes e incompatíveis para seus devidos contextos em sua tradução. Como expõe Feitosa (2008, p. 292) “a word that is not negatively loaded in Portuguese is translated by a loaded word such as ‘nigger’ in English” e tantos outros exemplos como também (Feitosa, 2008, p. 291) “and although ‘*pior que galinha*’ (105) (worse than a chicken, a figure of speech that signifies a promiscuous woman) is an insult, it was more forcefully rendered in English as “cheap whore”.

Feitosa ainda sublinha que o uso de tais termos e demais escolhas feitas por St. Clair acaba por distorcer o vocabulário usado por Carolina Maria de Jesus que, mesmo quando está descrevendo algo ou alguém que a desagrada, o que se faz presente em diversos momentos de sua narrativa, prima pela utilização de termos polidos e respeitosos e que muitas vezes são eufemistas. Sobre as agressões cometidas por St. Clair a questão é: poderia um homem branco estadunidense não cometê-los contra um texto afrodiaspórico dotado de particularidades tão próprias da autora? Dificilmente um tradutor com esse perfil e que não está afinado com questões raciais e de gênero estaria livre de desvios e agressões contra o texto.

Os recursos aos quais a pessoa tradutora pode recorrer para realizar um trabalho minimamente responsável, ético e cuidadoso não são aproveitados de maneira suficiente ou

positiva por St. Clair. Em suas notas de rodapé apresenta explicações e conceitos quase sempre incorretos e distorcidos, projetando uma imagem negativa, a respeito de alguns grupos de cidadãos brasileiros (mulheres, favelados, nordestinos) e essas não estão caracterizadas propriamente como notas explicativas ou informativas. Fato notado também por Feitosa (2008) que observa que de forma nada usual as notas de rodapé do tradutor não são redigidas da forma que é academicamente comum e não tem como objetivo dar ao tradutor visibilidade, mas contrariamente “The notes make the text more readily available to the readers by enabling them to understand some of the cultural characteristics and history of Brazil” (Feitosa, 2008, pág. 286).

Infelizmente é muito comum no mercado editorial embranquecido e pouco diverso que tradutores apaguem características linguísticas de variedades que foram marginalizadas, conformando-as às normas gramaticais de prestígio da outra língua (Campos, 2017; Reis, 2017). A tarefa de quem traduz é muitas vezes árdua para chegar a uma decisão/solução que melhor se encaixe e ainda maior pode ser o desafio de encontrar a melhor forma para um texto que está fora da variedade padrão de um idioma.

Porém, também é bastante corriqueiro que esses que traduzem simplesmente ignorem a existência dessas marcas linguísticas divergentes e silenciem sobre essas questões em suas notas de rodapé e comentários. As marcas de oralidade, as formas ortográficas (grafias) que fogem do padrão da língua, e o tom crítico, de denúncia social e politizado, que a autora Carolina Maria de imprime em *Quarto de Despejo* são apagados na versão de língua inglesa de David St. Clair.

Entre os trabalhos acadêmicos que se dedicam a analisar a construção de uma tradução para *Quarto de despejo* estão o trabalho de conclusão de curso apresentado por Luísa Arantes Bahia sob o título *Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o quarto de despejo* (Bahia, 2019) onde analisa *Child of the Dark* a primeira tradução do texto de Carolina Maria de Jesus para o inglês e a tese *Brazilian woman writers in english: translation of culture and gender in Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus and Ana Maria Machado* (2008) defendida por Lilian Passos Wichert Feitosa onde analisa traduções de obras de autoras brasileiras, entre as quais está Carolina Maria de Jesus, sob a perspectiva cultural e de gênero, a pesquisadora observa também a primeira tradução feita para o inglês do tradutor David St. Clair. Feitosa começa refletindo sobre os fatores que suscitaram o interesse do público leitor na “escritora da favela do Canindé”

Em seu trabalho, Bahia (2019) inicia relatando a trajetória de vida da autora Carolina Maria de Jesus organizando dados sobre sua vida que por vezes se encontram de forma conflitante e desorganizada em materiais disponíveis online, a pesquisadora também analisa as características da obra e sua recepção pelo público no tempo de seu lançamento. Apresenta ainda uma listagem das diversas traduções para outros idiomas que a obra obteve, percorrendo sobre seus aspectos e por fim vai investigar detalhadamente a tradução de *Child of the Dark* por St. Clair. Bahia discute a partir de Schleiermacher (Schleiermacher *apud* Bahia) os conceitos de estrangeirização e domesticação e suas incidências em *Quarto de Despejo* traduzido na língua inglesa. Tanto Bahia quanto Feitosa fazem a discussão de como ambos os tipos de escolha tradutória atuam como mediação linguística pelas pessoas tradutoras que por vezes retratam o Brasil de forma exótica e estereotipada para o público exterior.

Ambas as autoras tratam do fato de St. Clair simplesmente apagar os marcadores de oralidade e de uma escrita não-normativa, mas se limitam a identificar isso sem que apresentem explicações do fato ou alternativas que poderiam ser utilizadas. Bahia pondera sobre a inexperiência de St. Clair em tradução e nota o apagamento com que ele trata o tema da pobreza que é tão presente na obra. Para Feitosa (2008, p. 279), outro efeito causado pelo apagamento que chama de “normalização” é que os leitores podem se ocupar com apenas o conteúdo da obra que mostra as dificuldades em que vivia a autora ao invés de também se depararem e serem distraídos com sua escrita fora do padrão. Aqui, nosso trabalho não poderia discordar mais de Feitosa porque não vê razão cabível para tal apagamento, pelo contrário a presença e manutenção do registro usado por de Jesus é significativo e caracteriza autora e sua obra de forma que é impensável sua simples eliminação. Também não parece pertinente que a linguagem com suas marcas de oralidade e coloquialidade possa afetar de forma negativa a leitura do texto, mas antes é capaz de informar ao leitor algo relevante sobre a pessoa que escreve, sua história e subjetividade.

Feitosa (2008, p. 262) dedica algumas páginas de sua tese para levantar indícios que podem explicar os motivos que contribuíram para o crescimento do interesse acadêmico na autora Carolina Maria de Jesus e em sua obra e entre eles chega à conclusão de que um dos principais é seu contínuo sucesso em traduções. Também relembra que a escritora não ficou contente com o resultado da tradução de St. Clair. Carolina tinha conhecimento do sucesso das traduções de seu primeiro livro ao redor do mundo e a maioria dos países onde foi traduzida e publicada nunca pagou os royalties a que tinha direito, com exceção da França, EUA e Reino Unido. Para Feitosa é inegável a importância que a tradução de *Quarto de despejo* para vários

idiomas e a recepção internacional tiveram na história e obra da escritora mineira, o que teria mantido também o interesse em seu trabalho pelo público brasileiro ao longo dos anos.

Ela compartilha (Feitosa, 2008, p. 252) sua experiência pessoal de contato com a obra escrita de Carolina Maria de Jesus que se iniciou com a versão traduzida para o inglês e cuja leitura foi feita como tarefa requerida por uma disciplina de curso de graduação em uma universidade norte-americana. A pesquisadora revela que sua reação inicial quando ainda era graduanda foi negativa ao que chama de “erros” ortográficos e gramaticais do texto original o que para ela tornou a leitura difícil. Feitosa (2008, p. 262) diz que foi a curiosidade do público nacional em saber sobre a vida e como pensava uma mulher pobre favelada que escrevia que tornou *Quarto de despejo* um fenômeno de vendas. Ter alcançado recorde de vendas e sendo sua autora alvo de curiosidade e interesse teriam sido os principais motivos que levaram a uma rápida publicação de sua primeira tradução para o inglês com o título de *Child of the Dark*.

Sobre o tradutor, St. Clair, Feitosa (2008, p.263) diz se tratar de um indivíduo obscuro sobre o qual não se sabe o suficiente, apenas que em seu histórico de trabalho há uma linha ou temas recorrentes que são o “ocultismo”, possessão satânica e temas afins, também teria se inserido na religião de matriz afro-brasileira tendo escrito um livro sobre a temática. Assim, o conteúdo de seus trabalhos em nada se assemelha ao texto literário de Carolina Maria de Jesus, é curioso notar o título dado para o livro em inglês: *Child of the Dark* que se assemelha aos títulos de seus livros posteriormente lançados: *Child Possessed* (1979), *Say you love Satan* (1987), *The Devil Rocked her Cradle* (1991) etc.

Ao analisar a tradução de David St. Clair a autora da tese diz que St. Clair não pode afirmar que não interferiu de forma significativa no texto de de Jesus. Ele faz isso claramente em sua tradução onde não aparecem os “erros” significativos de ortografia, concordância verbo-nominal, o tom e escolhas lexicais e ao negar essas alterações o tradutor acaba sendo desonesto, diz ela. A pesquisadora busca tocar na discussão sobre a decisão de revisar ou não o texto de Carolina Maria de Jesus. Traz a opinião de um jornalista que critica a manutenção do texto original sem interferências de conformação à norma-padrão da língua. Segundo ele, a revisão é um processo corriqueiro pelo qual passa qualquer texto e pelo qual ele mesmo como autor fica grato e satisfeito por ter seus textos corrigidos nesse processo de revisão. Para ele não interferir no texto de Carolina seria mantê-la como uma autora excêntrica ou uma *literary freak* e que a manutenção das suas idiossincrasias linguísticas serviria apenas para satisfazer alguns leitores que se regozijam em ler uma obra escrita por uma semianalfabeta, segundo ele.

Apesar de apontar acertadamente os erros e agressões do tradutor contra o texto de Carolina Maria de Jesus, a pesquisadora demonstra ainda ter uma opinião conservadora sobre língua e tradução. Em vários pontos de sua tese ela utiliza termos como “erros gramaticais”, “erros ortográficos” etc. para descrever a escrita em *Quarto de despejo*. Diz enxergar como aceitável o registro utilizado por de Jesus mas traz apenas a opinião negativa de alguém que se opõe à utilização desse registro, não apresentando o contraponto de uma opinião contrária. E ainda, não analisa nem reflete o lugar de enunciação de quem traduz e as motivações para suas decisões. Por último, fica muito longe de trazer reflexões acerca de questões raciais no campo dos estudos da tradução e de relacionar essas questões ao modo como foi traduzida de Jesus. Para esse trabalho é salutar que seja lembrado o motivo pelo qual obras como a de Carolina Maria de Jesus recebam críticas negativas pelas características de sua linguagem.

O preconceito linguístico (Bagno, 1999) contra as marcas de oralidade, à não obediência às normas gramaticais postuladas por uma elite homogênea que enxerga com maus olhos a expressão de pessoas pobres e negras é nocivo porque tem como efeito final o silenciamento e invalidação dessas camadas da população. Aqui cabe trazermos a conceituação do que seria o racismo linguístico (Nascimento, 2019) e bem receber a renomeação necessária do que seria a raiz de todo preconceito linguístico que está calcado no preconceito racial, e por fim racismo. Gabriel Nascimento (2019) traça um panorama dos processos que se dão no Brasil e que são geradores do preconceito linguístico.

Em *Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo* (2019), Nascimento discute como se origina e se perpetua o preconceito racial na linguagem, expondo como através de políticas estatais e por meio da cultura em nossa sociedade se produz o rechaçamento às variedades linguísticas utilizadas por pessoas negras e indígenas que fazem parte de um grupo que não recebe do Estado a garantia de acesso à educação de qualidade e ainda são responsabilizados por supostamente não serem capazes de manusear a norma-padrão da língua.

A pesquisadora Feitosa (2008, p.279) afirma que *Quarto de despejo* apresenta dificuldades para sua tradução desde as características muito idiossincráticas da linguagem utilizada por Carolina Maria de Jesus até pelo léxico que a autora escolhe e os “erros gramaticais e ortográficos” que permeiam o livro. Para ela a tradução de St. Clair atinge sucesso porque adequa seu texto de chegada às normas da língua inglesa padrão diferentemente do que faz de Jesus no texto de partida, e dessa forma St. Clair teria “livrado” o texto de ter sido considerado inaceitável ao não reproduzir os “erros” do original. Foi, segundo Feitosa (2008, p.279),

“normalizando” e, portanto, “transformando” *Child of the Dark* ao traduzi-lo segundo a norma-padrão da língua inglesa que St. Clair garante a “sobrevivência” de sua tradução. Ao proceder assim em sua tradução St. Clair, acredita Feitosa, buscou e conseguiu fazer com que o texto de Jesus fosse mais aceitável para um mercado editorial tradicional e para o público-alvo estrangeiro.

A pesquisadora finaliza expondo sua opinião sobre revisar ou não o texto de Carolina Maria de Jesus. Diz de sua resistência inicial no contato com o texto que chama de “idiossincrático” e opina que para ela revisar ou não de Jesus não se trata de respeito ou desrespeito, mas de aceitação de todos os registros linguísticos como parte da linguagem, inclusive os que estão fora do padrão.

Entendemos ser uma questão política a não revisão do texto da escritora mineira e a manutenção das características de sua escrita nos textos traduzidos porque é relevante ter uma mulher negra, migrante que experienciou a favela, trabalhadora, autodidata, leitora voraz e mãe solo escrevendo sobre si mesma, sobre suas experiências e se colocando de forma crítica e insubmissa à uma sociedade que a invisibiliza e não dá oportunidades de desenvolvimento de suas potencialidades, muitas vezes lhe negando os direitos mais básicos. Carolina era uma escritora de vários gêneros e gostava mais de fazer ficção, romances e etc. Algumas outras obras suas foram publicadas em vida como o disco de canções *Quarto de Despejo*, os livros *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, *Pedaços da fome e Provérbios*. Tinha projetos de ser publicada e procurou realizá-los, além de ter deixado esse desejo registrado em carta à filha Vera Eunice.

Quanto à sua linguagem coloquial e fora dos padrões das normas gramaticais da língua portuguesa, é uma rasura aos modelos elitistas da literatura e de seus acadêmicos que não enxergam a virtuosidade de sua expressão, sua profundidade, criticidade, lirismo, literariedade e poeticidade de sua escrita, numa postura de invisibilização adotada sistematicamente contra autores negres. Outro ponto é que o preconceito contra certas variantes de uma mesma língua está sempre acompanhado de um preconceito que também é social. Ou seja, não coincidentemente, o alvo dos preconceitos linguísticos são os mesmos alvos do preconceito social: pessoas pobres. E como a história colonial brasileira carrega a mancha de uma exploração massiva de mão de obra escravizada negra e posterior abandono estatal dessa classe de pessoas às condições de vida precárias e sem acesso à escolarização formal: são as pessoas

em sua maioria negras falantes e usuárias das variedades linguísticas estigmatizadas e marginalizadas.

### **3.1 As crenças ideológicas do tradutor David St. Clair através dos elementos paratextuais.**

O prefácio de quem traduz é um espaço que pode ser usado para tornar esse profissional visível em um mercado editorial que não dá lugar de protagonismo a uma atividade tão relevante e que mereceria ter sua voz ampliada. Não são todos os livros publicados que trazem prefácio da pessoa tradutora ou que mesmo apresentam seus nomes nas capas dos livros. Muitos livros não trazem nem mesmo uma pequena biografia ou qualquer informação sobre quem traduziu e prefácios mais extensos são ainda mais raros. (BUARQUE, 2023.)

Em *Child of the Dark* (1962), tradução para o inglês publicada pelo selo *Signet Classics*, apesar de seu nome não constar na capa do livro, o tradutor estadunidense David St. Clair ganha esse espaço ao longo de onze páginas, uma oportunidade para discorrer sobre sua atividade ou sobre a autora traduzida que poucas vezes é disponibilizada para as pessoas que traduzem. Não há muitas informações sobre como se deu a escolha do tradutor inexperiente David St. Clair para trabalhar com o texto de Carolina Maria de Jesus, todas as pesquisas utilizadas como referência para esse trabalho concordam que há poucos dados sobre St. Clair (Bahia, 2019; Feitosa 2008).

Mesmo não conhecendo o projeto tradutório da Signet Classics nem qual teria sido o direcionamento dado pela editora ao tradutor, podemos pensar que houve bastante descaso com a seleção do tradutor para a obra de uma autora afrobrasileira e que propositalmente se focou no aspecto político-social do livro, provocando um apagamento da dimensão literária dessa escrita. Sabemos que St. Clair teria sido enviado ao Brasil para escrever reportagens para a revista americana *Time* na qual escreveu sobre o fenômeno que viria a se tornar escritora best seller - a autora Carolina -, cujo conteúdo inclusive chegou ao conhecimento da autora e a desagradou de tal forma que tomou a decisão de processar o tradutor e a revista por seu conteúdo “altamente injurioso.”

Podemos pensar nas possíveis causas que ocasionam em vários aspectos uma negligência e descuido com o texto de uma escritora, acarretando uma tradução problemática. Uma tradução talvez apressada por motivos mercadológicos, para aproveitar o interesse do público leitor pela autora e sua narrativa e o sucesso que poderia ser atingido com vendas

lucrativas. Também é grave o fato de a pessoa produtora da tradução não ser profissionalmente especializada nem ter experiência com a atividade, além de estar em um local de subjetividade completamente oposto ao da autora e não se mostrar capaz de apreender suas questões. Outro motivo é esse mesmo descaso para com as experiências de pessoas subalternizadas pertencentes aos grupos minorizados politicamente como o de mulheres negras do terceiro mundo.

Seria de grande importância que uma tradução do texto de uma autora com as características de Carolina Maria de Jesus fosse o mais cuidadosa e refletida o possível para que o público da cultura de chegada pudesse ser informado corretamente sobre seu lugar social, sua subjetividade e as motivações em sua escrita. Que o tradutor responsável utilizasse também os textos de apresentação da obra como espaços para comunicar ao leitor aspectos sobre seu conteúdo que pudesse facilitar a compreensão das realidades e alteridades da cultura nela retratada.

Semelhantemente ao que acontece na tradução feita por St. Clair para o inglês, em outros idiomas, como o alemão, *Quarto de Despejo* parece ter tido grande interferência da mão de quem o traduziu. Na tese de doutorado *Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: mesma tradução, diferentes leituras – uma análise a partir dos paratextos das diversas edições sob a ótica da Linguística de Corpus* (2022) de Raquel Nascimento, é investigada a forma com que os paratextos presentes nas edições da tradução alemã influenciam a leitura do conteúdo da obra, a pesquisadora identifica uma tendência ao foco nos aspectos político-sociais na escrita de Carolina o que vai levar aos leitores enxergarem a obra como apenas um relato social de denúncia da pobreza e violência nas favelas brasileiras, por exemplo. Sendo privados das dimensões poéticas e literárias fortemente expressas na criação e escrita da autora do texto-fonte, os elementos paratextuais como, títulos, prefácios, capas, vão reforçar os estereótipos que a publicação deseja que alcance o leitor.

Do mesmo modo, ao fazermos nossa leitura dos elementos paratextuais da edição de *Child of the Dark* (Signet Classics, 1962), através do prefácio do tradutor, posfácio etc. podemos verificar uma pendência para o destaque dos aspectos político-sociais da obra, ignorando o fato de que a autora se via como poeta e escritora e como tais queria ser reconhecida. A publicação conta também com um posfácio escrito pelo historiador estadunidense Robert M. Levine cujo conteúdo também tem foco nos aspectos político-sociais da obra e tratados pela autora, além das dificuldades materiais e condições adversas que enfrentou ao longo de sua vida. O tradutor começa seu prefácio (St. Clair, 1962, p.V) com uma citação de um trecho do livro, uma entrada do diário de Carolina Maria de Jesus do dia quinze



de julho do ano de 1955 onde a autora compartilha sobre sua frustração de ser impedida de realizar seus desejos pelos altos custos que se tem com alimentação ao não poder comprar um par de sapatos para sua filha Vera Eunice no dia de seu aniversário. Carolina continua dizendo nesse trecho que a população seria escrava do custo de vida e que nesse dia encontrou um par de sapatos no lixo, os lavou e costurou para que sua filha pudesse calçar.

St. Clair comenta inicialmente sobre a autora em dois curtos parágrafos, de quatro linhas cada um, sobre esse trecho selecionado por ele para ilustrar o que seria a narrativa de uma mulher negra (usa o termo arcaico *Negress*) “sem instrução e que foi aclamada por críticos como possivelmente uma das melhores obras de um autor brasileiro no século”, escreve ele. No segundo curto parágrafo diz que de Jesus seria um reflexo de sua época e que teria excelente percepção sobre seu tempo e vida ao escrever sobre a sociedade que a cercava e como essa a impactava. Para o tradutor de Jesus não tentou ser “artística” em sua escrita, mas apenas “sincera”, como registra em seu prefácio (St. Clair, 1963, p. V).

St. Clair então segue seu prefácio e se dedica por mais ou menos duas páginas a fazer uma miscelânea de análises livres sobre o Brasil. Ele faz um apanhado geral sobre o “início” do país, a partir da narrativa hegemônica e branca da “descoberta” pelos portugueses, resumindo o que teria ocorrido durante a exploração pelos colonizadores portugueses do território e habitantes do país. St. Clair (St. Clair, 1962, p.VI) faz referência aos indígenas sobre os quais diz que morriam por conta do trabalho pesado aos quais eram forçados e que esse fato motivou Portugal a invadir e a trazer pessoas da África (“*Negro slaves*”) para o Brasil. O conteúdo dos fatos narrados por St. Clair parece muito mais derivar do senso comum do tradutor do que ter base em pesquisas historiográficas ou antropológicas, não há referências ao final de seu texto.

O norte-americano cita também na continuação de seu texto a libertação das pessoas negras escravizadas sem falar de que forma aconteceu ou o que teria propiciado essa libertação. Ele chega a dizer que após serem libertos os escravizados o Brasil teria se tornado “uma república com direitos iguais para todos”. St. Clair (1962, p.VI) vai fazer uma tentativa de explicar a origem das favelas brasileiras, segundo ele agora os negros libertos tinham que trabalhar para sobreviver e os que não conseguiam um posto de trabalho teriam se instalado em locais alagados de São Paulo, e no Rio de Janeiro teriam ido para os morros onde construíram suas moradias. Foi dessa maneira que, segundo o tradutor, as favelas teriam começado.

Nesse mesmo texto o tradutor St. Clair (1962, p. VI) também cita os nordestinos e a região nordeste, as dificuldades climáticas da região enfrentadas pelos habitantes, a seca que mata as pessoas e suas criações de animais e a perpetuação desse ciclo através de diferentes gerações. St. Clair parece aqui também querer explicar um componente que faz parte da formação dos territórios das favelas e que também figuram com frequência entre as personagens do diário de Carolina Maria de Jesus. Por causa das dificuldades de sobrevivência que passam os nordestinos, prossegue St. Clair, é que eles migram para estados como São Paulo ou Rio de Janeiro com a certeza de que encontrarão condições de vida melhores e, principalmente, trabalho.

O tradutor vai dizer que há trabalho nesses estados sudestinos, mas que não estariam disponíveis para “pessoas que não sabem escrever seu próprio nome” ou que não “falam o Português correto” (St. Clair, 1962, p. VII). Repetindo um dos mitos do preconceito linguístico, ele caracteriza o povo nordestino como não-letrado e que possui apenas experiência com o trabalho agropecuário estando incapacitado para o trabalho industrial nas fábricas sudestinas. Ao traçar esse panorama o tradutor quer explicar a ocupação das favelas pelos nordestinos e deixa visível os estereótipos preconceituosos com os quais enxerga esse determinado grupo de brasileiros.

David St. Clair não utiliza da forma mais satisfatória esse dispositivo paratextual que é o prefácio porque, por exemplo, não estabelece uma comunicação com o leitor onde vai fazer comentários sobre suas escolhas lexicais, de terminologias etc., nem procura fazer uma exposição bem respaldada sobre a cultura e contexto da obra. Ao invés disso o tradutor apresenta um texto permeado de ideias de senso comum, terminologias e conceitos equivocados e declarações que podem ser classificadas como xenófobas e racistas. Além de se colocar em uma posição onde ele poderia dizer qual solução seria adequada para cada problema brasileiro, e autoritariamente, apontar saídas simplistas como se compreendesse bem as complexidades brasileiras ou o suficiente para tal.

A tradução *Child of the Dark* de David St. Clair apresenta elementos que nos levam a entendê-la como predatória tal qual a tradução de Ponciá Vicêncio analisada por Socorro, (2023). Aparentemente St. Clair não tem um projeto de tradução ético para essa obra e sem especialização nem experiência, no conteúdo do trabalho demonstra ter uma visão dos brasileiros totalmente preconceituosa. St. Clair não reconhece a qualidade da escrita de Carolina Maria de Jesus e seu pouco conhecimento em português além de seu olhar discriminatório não o permite apreender a obra e suas qualidades. Por conta de resultados de traduções tão

desrespeitosas e pouco profissionais é que se nota a importância também da presença de pessoas negras na área dos estudos da tradução produzindo teorias e traduzindo como meio de visibilização de perspectivas que levem em conta as questões, vivências e subjetividades de sujeitos afrodiaspóricos.

#### 4 - EXPERIMENTANDO UMA TRADUÇÃO RESPONSÁVEL E ÉTICA DE *QUARTO DE DESPEJO*.

Neste terceiro capítulo final do presente trabalho de conclusão de curso nos propusemos a exercitar a tradução de alguns trechos de *Quarto de Despejo* com a intenção de experimentar uma possível versão em língua inglesa para esse texto de Carolina Maria de Jesus. Mais do que encontrar uma variedade no idioma do texto-alvo similar ao português vernáculo utilizado pela autora, nossa preocupação principal foi resguardar sua voz autêntica, preservando seu texto naquilo que ele tem de mais próprio.

Ao longo dos capítulos anteriores nós verificamos e refletimos sobre teorias, pesquisas na área dos estudos da tradução e nos debruçamos sobre os aspectos e reverberações da primeira tradução publicada em 1962 para o inglês dessa obra de Jesus que ganhou o título de *Child of the Dark* pelo tradutor estadunidense David St. Clair.

A partir dessa leitura e das análises dos aspectos da obra traduzida de Jesus é que percebemos a necessidade de discutir e apontar questões que são relevantes para a atividade tradutória, os posicionamentos do tradutor e as implicações que os seguem. De forma que buscar entender o papel social desempenhado pela pessoa tradutora e suas contribuições para a construção e representação de ideologias foram algumas das motivações para propormos um novo texto em língua inglesa para trechos selecionados de *Quarto de Despejo*.

As reflexões sobre tradução afrodiaspórica (Carrascosa, 2017b) foram de grande auxílio para pensarmos o desenvolvimento do trabalho sendo nosso material de estudo a obra produzida por uma autora negra, e que carrega consigo várias marcas do que significa essa nomeação enquanto construção social, suprimindo uma demanda de uma orientação teórica que sustente as questões concernentes à essa identidade.

Com a leitura de *Child of the Dark* pudemos pontuar vários de seus aspectos como incômodos, o que também foi corroborado em consultas a outras pesquisas que serviram de referência para o trabalho (Bahia, 2019; Feitosa, 2008), assunto trabalhado com mais detalhe no capítulo 3. Confirmamos se tratar de uma tradução bastante problemática onde são perceptíveis erros, distorções, e o reflexo das crenças e visões de mundo discriminatórias do tradutor que acabam por rasurar o texto de Carolina Maria de Jesus.

Desde o título dado à *Quarto de Despejo* que passa a ser *Child of the Dark*, que não recupera nenhuma referência ao título em português nem ao conteúdo da obra, fica demonstrado um apagamento significativo promovido pelo tradutor.

Diante dessas problemáticas surge o desejo de realizar os apontamentos e críticas necessárias à tradução de David St. Clair e, mais do que isso, oferecer outros caminhos e propostas que possam dar à *Quarto de Despejo* uma tradução que tenha preocupação em ser ética, observando e respeitando os marcadores sociais, a identidade racial e de gênero de sua autora.

Seguindo os caminhos de uma tradução responsável e onde a pessoa tradutora reflete sobre seu lugar de enunciação e procura se afetar pelas alteridades, vimos o que é ser um *Agente Ético* (Spivak *apud* Campos, 2017). Esse conceito nos mostrou que a atividade tradutória apresenta muitos riscos para quem a desempenha, no sentido de serem grandes as possibilidades de ferir o texto de um outro, uma outra cultura, identidades diversas. Para evitar isso, quem traduz precisa estar ciente desses riscos e adotar uma ética de cuidado buscando meios de minimizar possíveis equívocos.

Imbuída de uma consciência de que esse texto literário merece o respeito e cuidado por parte de quem vai produzir uma tradução, esse trabalho procurou ouvir e deixar falar, através da tradução, a dicção da autora do texto-fonte de forma que se exercite uma prática tradutória que procura minimizar apagamentos ou a incorrência em interferências negativas ao seu texto original.

Também ciente de que a tradução literária é uma atividade que requer uma capacidade de (re)criação artística capaz de reverberar o conteúdo do texto-fonte e, portanto, ser consonante à atmosfera criada pelo/a autor/a traduzido/a esse trabalho se posiciona como um experimento em tradução com a finalidade de colocar em prática a busca por uma ética necessária a esse fazer.

Ao final desse capítulo apresentamos os trechos traduzidos ao lado do texto-fonte e ainda externamos comentários sobre o texto de *Quarto de Despejo*, nossa tradução e a tradução de David St. Clair em *Child of the Dark* identificando nesse último texto questões que consideramos importantes para fazermos questionamentos e problematizações a partir das escolhas feitas pelo tradutor e sob a ótica de uma tradução que se pretende afrodiáspórica.

O presente trabalho busca contribuir para a afirmação e reconhecimento da produção de uma autora afrobrasileira que como muitas outras pessoas negras em diversos territórios tiveram seus saberes e potencialidades invisibilizados em processos de apagamento, mas que resistiram com a força de suas expressões culturais.

#### 4.1. Metodologia

Para proceder à tradução, a pesquisa se pautou no método de análise qualitativa por meio da análise de conteúdo de modo que foi feita a leitura do livro *Quarto de Despejo* e então a seleção de trechos onde a dicção literária, a politização social e racial da autora se mostram mais evidentes de modo que possibilitem reverberações de questões conceituais utilizadas pela pesquisa e que fossem representativos da obra como um todo, com os temas mais recorrentes tratados por Carolina Maria de Jesus.

Iniciado o processo de traduzir os trechos selecionados, foram identificadas as palavras e termos que apresentavam maiores desafios para a tradução, o que levou ao processo de pesquisa e reflexão acerca dessas nomenclaturas. Através de consultas em dicionários e em trabalhos acadêmicos foi possível conhecer os usos e ocorrências dessas palavras e termos.

Algumas versões dos trechos traduzidos foram feitas até que se chegasse a um resultado satisfatório. Essas traduções foram apresentadas e discutidas no Corsciência: Grupo de pesquisa de tradução e contação de histórias com cor-agem, os membros contribuíram com observações e de acordo com elas pode-se fazer ajustes pontuais quanto às escolhas tradutórias. Foi feita a leitura e consulta da tradução da obra de Carolina já existente em língua inglesa *Child of the Dark* apenas como forma de verificar de que maneira essa tradução já havia sido feita.

Finalizadas as traduções de cada trecho selecionado, foram organizados os comentários pensados ao longo do processo de tradução e decidiu-se contrapor as escolhas feitas na tradução às do trabalho do tradutor David St. Clair. externando as críticas também pensadas ao longo desse processo.

#### 4.2. Um outro olhar para o *Quarto de Despejo*:

Na data de seu lançamento no ano de 1960, e através das décadas seguintes, o livro de estreia, dentre a extensa obra de Carolina Maria de Jesus, tem atraído a atenção de leitores e despertado o interesse de pesquisadores, ocupando lugares nos espaços acadêmicos de forma consistente.

Graças a uma ainda pequena democratização da entrada nas instituições de ensino superior, advinda das políticas de ações afirmativas conquistadas pelo movimento negro que possibilitou o maior acesso de pessoas oriundas das classes mais pobres da sociedade brasileira e, principalmente, com o ingresso de cada vez mais pessoas negras nas universidades e seus esforços para que, cada vez mais, autores, pensadores e artistas negros e suas produções sejam estudadas, é que obras como *Quarto de Despejo* pode ganhar análises literárias mais abrangentes em relação às suas potencialidades.

A consagrada escritora Conceição Evaristo, que também é mineira, tem contribuído bastante para o direcionamento de um novo olhar sobre a escrita e o empreendimento literário legado por sua conterrânea Carolina Maria de Jesus, no sentido de produzir análises não só como acadêmica, mas a partir de sua sensibilidade literária de escritora e de suas experiências como mulher negra.

Além de ter participado e dado grande contribuição junto ao conselho editorial formado para o cuidado com a obra de Carolina e de reunir ao seu entorno outras pesquisadoras que partilham da mesma orientação para um tratamento mais digno do que sua obra recebeu com os seus primeiros receptores profissionais na década de sessenta, Conceição Evaristo produz análises que podem chegar ao público e iluminar os traços da escrita de Carolina que antes foram propositalmente apagados e esquecidos.

Como já mencionado anteriormente, Conceição Evaristo ao lado de Vera Eunice de Jesus, tecem o prefácio de *Casa de Alvenaria* (2021), até então os livros de Carolina contavam com a apresentação feita por pessoas muito diferentes dela que não a alcançaram exatamente em sua subjetividade. Evaristo vê uma multiplicidade de complexidade naquilo que antes era apontado como apenas relato social e denúncias contundentes em *Quarto de Despejo*.

A fome, por exemplo, contra a qual Carolina exaustivamente lutou e da qual muito se falou como elemento central do seu livro de estreia era, claro, derivada de sua pobreza material, mas Conceição Evaristo nos diz que “se tratava de uma fome mais profunda, e não somente a privação, a carência material, mas uma fome física, como metáfora do vazio, da dor, do inexplicável, da vacuidade existencial. Parece haver má vontade para a compreensão semântica da fome contida na escrita de Carolina.”

Se para alguns como seu primeiro editor, o jornalista Audálio Dantas, a escrita de Carolina era simples e até mesmo infantil, para Evaristo apresenta questionamentos e

inquietações existenciais como o pensamento que aparece repetido em seus dois primeiros livros: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade.” (Jesus, pág. 78)

Muito também já foi falado sobre o registro linguístico presente em *Quarto de Despejo*, sendo na maior parte das vezes uma característica muito destacada na obra, considerada como defeituosa, e classificada como fora do padrão, inaceitável. Compreendendo as influências da oralidade e a presença de marcas do português (Gonzalez, 1983) na escrita de Carolina, Conceição Evaristo instrui que uma leitura cuidadosa de suas criações revela para o leitor que a autora era “um sujeito de criação consciente de que escrever é um exercício de linguagem, motivo pelo qual a autora se empenhava em fazer a escolha das palavras com tanto afincamento.”

Portanto, não é a carência que marca a linguagem de Carolina segundo Evaristo, mas sim a abundância criativa representada pela sua procura de trabalhar a linguagem na sua produção escrita. Juntando os usos do português em sua variedade de norma padrão do qual se apropriou sendo uma leitora de autores clássicos, com a língua coloquial do dia a dia entre outras influências, Carolina cria uma linguagem diferenciada e de difícil classificação. Assim sendo, insistir ainda em uma visão que censura a manifestação da língua em *Quarto de Despejo* é ter uma leitura muito empobrecida de uma obra dotada de riqueza poética e linguística.

### **4.3 Descobrimos os caminhos de uma tradução comentada**

Fazer uma tradução comentada da obra *Quarto de Despejo* é um dos objetivos desse trabalho e para refletir sobre o que seria esse fazer, comentar uma tradução, buscamos recuperar aqui as conceituações que já foram propostas e estabelecidas e as discussões feitas por uma pesquisadora da área dos estudos da tradução, Marie-Hélène Torres.

A tradução comentada é o exercício da tradução em si, porém é também uma prática de crítica e de observação da história da tradução. É ainda um terreno onde o tradutor-pesquisador tem a oportunidade de realizar uma autoanálise sobre como a tradução se relaciona com o comentário. A tradução, sabemos, é a transposição de um texto em outra cultura ao passo que o comentário é a análise da tradução de um texto original.

A pesquisadora Marie-Hélène Torres entende a tradução comentada como um gênero acadêmico-literário e em seu artigo *Por que e como pesquisar a tradução comentada?* ela argumenta que assim como o resumo, a tese, o artigo e etc. são gêneros acadêmicos o



comentário de tradução também o é. No entanto, segundo ela, o caráter literário do comentário de tradução depende do seu autor e do objeto em estudo.

Torres ainda estabelece quais seriam as principais características da tradução comentada enquanto gênero. Para ela, são:

- *O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário.*
- *O caráter metatextual: estar na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto);*
- *O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo da tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões.*
- *O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos dessas decisões;*
- *O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução.*

Tradução e comentário carregam entre si relações de similaridade e diferença, segundo Torres (2017), o comentário pode anteceder ou suceder a tradução. Mas, ainda segundo Torres, na prática, o comentário feito pelo tradutor surge antes da tradução porque é necessária uma interpretação antes de tudo, um comentário explícito ou implícito. O comentário se constitui como uma explicação de um texto traduzido, uma glosa. A leitura/interpretação se relaciona com a tradução e o comentário sendo que os dois últimos só podem acontecer após a realização da primeira. De forma que esses três atos estão relacionados de forma intrínseca.

O comentário advém, necessariamente, de uma leitura e várias delas são possíveis uma vez que todo texto traz consigo uma polissemia, uma variedade de leituras. Seguindo essa lógica, Torres (2017) quer afirmar que vários comentários são possíveis, não existindo apenas um, e são definitivamente críticos assim como a tradução. A nota de rodapé, que Genette vai chamar de paratexto, na perspectiva de Torres é também um comentário feito ao texto e entendido como metatexto. Por estar contido naquele, não está fora e não rompe com o texto como na teoria de Genette mas é *uma leitura em paralelo, uma leitura hipertextual*.

Torres defende que existe a função meta, para além da concepção que se tem acerca da nota de rodapé e suas características de explicar e interpretar a obra literária, e função de ser esse dispositivo no qual o tradutor auxilia o leitor com a compreensão imediata do texto. Na função metatextual da nota, “o tradutor discute, explica, comenta” (Torres, 2017. p.18). O

comentário vai se localizar dentro da tradução quando a nota cumpre sua função meta, acredita Torres.

#### **4.4. Tradução comentada de trechos de ‘*Quarto de despejo*’ da autora Carolina Maria de Jesus selecionados para tradução para a língua inglesa:**

Neste subcapítulo vamos tratar da tradução comentada onde experimentamos e apresentamos algumas soluções tradutórias para trechos selecionados de *Quarto de Despejo* tendo em vista a experiência afrodiaspórica da autora Carolina Maria de Jesus para orientar nossas escolhas. Estando de acordo com o conceito de afrodiasporicidade (Nós, 2017, p.21), nos atentamos para as experiências e marcadores da autora traduzida enquanto mulher negra que produz toda uma estética linguística e literária próprias que, adotando uma ética de cuidado (Spivak apud Campos, 2017) nos propomos a torná-las visíveis, nos resguardando de promovermos apagamentos dessas características, minimizando essas possibilidades.

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristal, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.<sup>1</sup>

Tradução nossa: [...] At 8:30 p.m. I was already in the favela breathing the odor of excrement that mixes with putrid mud. When I am in the city I have the impression that I am in the living room with its crystal chandeliers, its velvet carpets, satin cushions. And when I am in the favela I have the impression that I am a useless object, worthy to be in a dumping room.

At 08:30 that night I was in the favela breathing the smell of excrement mixed with the rotten earth. When I am in the city I have the impression that I am in a living room with

<sup>1</sup> Os trechos de *Quarto de Despejo* analisados são sempre referentes a edição publicada em 2020 pela Editora Ática.

crystal chandeliers, rugs of velvet and satin cushions. And when I'm in the favela I have the impression that I'm a useless object, destined to be forever in a garbage dump.<sup>2</sup>

Esse trecho do diário de Carolina traz a metáfora criada pela autora para caracterizar a favela e que dá nome à obra *Quarto de Despejo*. A escolha do trecho para nossos comentários se dá por essa mesma representatividade em relação ao título do livro e, além disso, é um entre muitos outros trechos em que a metáfora aparece e onde a autora está fazendo sua denúncia contra as condições precárias de vida na favela e as contrastando com as condições mais bem encontradas nos centros e regiões privilegiadas da cidade.

Observamos como problemática a escolha pelo verbo “destined” e a adição do advérbio ‘forever’ na frase “destined to be forever in a garbage dump” na tradução de David St. Clair. Esse advérbio simplesmente não consta no texto-fonte da autora brasileira e onde se lê “digno” o tradutor escolhe a palavra “destined”.

Na nossa tradução para esse trecho, especificamente, não achamos que o fragmento “digno de estar num quarto de despejo” apresenta uma grande dificuldade de tradução, ao que traduzimos como “worthy to be in a dumping room”. Podemos apenas nos questionar o motivo do tradutor St. Clair ter alterado esse trecho promovendo uma desvirtuação que está longe de ser inofensiva por alterar a conotação do que está posto no texto-fonte, em que Carolina não se vê “destinada” ao quarto de despejo, mas planeja uma fuga em sua desidentificação em relação a ele.

Com essas escolhas lexicais o tradutor altera de forma significativa as intenções de sentidos produzidos pela autora. Como se quisesse fazer pensar que Carolina estava querendo dizer que se reconhecia como “despejo”, sendo fatalista e resignada no lugar de miséria e precariedade representadas pela favela.

A frase “E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” denota certa ironia da narradora-personagem em sua crítica à carência, abandono e ausência de condições básicas de vida na favela. É claro que Carolina não se via como destinada nem digna das condições precárias em que vivia na favela

---

<sup>2</sup> Os trechos de *Child of the Dark* analisados nesta tradução comentada são sempre referentes à edição de *Child of the Dark* publicada pela editora Signet Classics em 2003.

do Canindé. Sua própria escrita era sinônimo da sua inconformidade e do desejo e vislumbre por melhoria de vida.

A obra está permeada de metáforas que aludem à desigualdade da cidade: “Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.” Um outro trecho em que Carolina traz sua metáfora que ironiza e critica a desigualdade da cidade onde vivia (São Paulo) e a forma como essa se constituía, é o trecho seguinte:

[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.
--

Tradução nossa: [...] I see São Paulo like that: The Palace, is the living room. The city hall is the dining room and the city is the garden. And the favela is the backyard where they dump the trash.
---

[...] I classify São Paulo this way: The governor’s Palace is the living room. The mayor’s office is the dining room and the city is the garden. And the favela is the backyard where they throw the garbage.
---

Este Palácio ao qual se refere Carolina é o Palácio dos Bandeirantes, edifício-sede do Governo do Estado e que é a residência oficial do governador, e onde em outros trechos de *Quarto de Despejo* a escritora narra ter ido para solicitar auxílio quando estava doente, por exemplo. Aqui, ela classifica a favela como “quintal onde jogam os lixos”, numa alusão talvez à forma de origem da favela do Canindé que surgiu após uma decisão da prefeitura de São Paulo de retirar pessoas em situação de rua por toda a cidade e colocá-las em um terreno às margens do rio Tietê, sem nenhuma garantia de direitos nem condições básicas de moradia.

A imagem do despejo ou da ocupação forçada por pessoas pauperizadas dos espaços periféricos da cidade é algo que Carolina constrói e busca reforçar através das metáforas recorrentes em seu texto. Ela utiliza o verbo “jogam” para denotar uma intencionalidade consciente por parte desses que o fazem de modo que a palavra *dump* na tradução pode evocar essa mesma intencionalidade. Na língua inglesa a mesma palavra (*dump*) enquanto substantivo

(lixão, aterro) e verbo (jogar, largar, despejar) provoca essas significações e sentidos criados pela autora.

[...] Fiz café e mandei os filhos lavar-se para ir na escola. Depois saí e fui catar papel. Passei no Frigorífico e a Vera foi pedir salchicha. Ganhei só 55 cruzeiros. Depois voltei e fiquei pensando na minha vida. O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles. [...] Quando eu estava preparando para fazer o jantar ouvi a voz da Juana que pediu-me alho. Dei-lhe 5 cabeças. Depois fui fazer o jantar e não tinha sal. Ela deu-me um pouco.

Tradução nossa: [...] I made coffee and sent the children to bath to go to school. After that I went out to look for paper. I stopped by the butcher's store and Vera asked for sausage. I only earned \$55 cruzeiros. Then I went back and sat thinking about my life. Brazil is dominated by whites. In several things they need the Black and the Black needs them. [...] When I was preparing dinner I heard Juana's voice asking me for some garlic. I gave her some. Then when I was preparing dinner and ran out of salt. She gave me some too.

I fixed coffee and made the children wash themselves for school. Afterward I went out to pick up paper. I passed the slaughterhouse and Vera went in to beg for a sausage. I only earned 55 cruzeiros. When I got back I sat thinking of my life. Brazil is predominated by the whites. But for many things they need the blacks and the blacks need them. While I was getting ready to make supper I heard Juana's voice asking me for a bit of garlic. I gave her five pieces. Then when I was fixing supper I didn't have any salt. She gave me a little.

Esse é um trecho bem representativo da experiência de várias mulheres negras brasileiras pauperizadas. Carolina foi mãe solo de três filhos e os sustentava com diversos trabalhos, desde catar papéis até outros tipos de materiais como ferros e latas e sua labuta era diária tendo que trabalhar exaustivamente. Pouco tinha o auxílio de um dos pais das crianças, sendo ela mesma a responsável pelo sustento da família.

No trecho quase não há as marcas de oralidade que aparecem em outros momentos no texto escrito da obra, revelando essa dualidade da autora que também demonstra domínio de concordância verbo-nominal, de formas de colocação pronominal, dei-lhe, lavar-se, pediu-me,

deu-me. etc., corretas segundo as gramáticas normativas. Portanto, em nossa tradução optamos por escolhas que pudessem dar mais fluidez ao texto. Além de usarmos letra inicial maiúscula na palavra *Black* para marcar a identidade das pessoas negras enquanto grupo racial, sendo essa uma reivindicação dos afroamericanos enquanto forma de afirmação e diferenciação de suas características específicas em sociedade.

Um dos aspectos da importância da tradução de mulheres negras é que suas experiências podem ser conhecidas a partir delas mesmas e compartilhadas para que se estabeleçam trocas e reconhecimentos entre pessoas de diversas partes onde há a presença de culturas afrodiáspóricas. Daí a relevância de que a pessoa que traduz esteja imbuída de uma sensibilidade para com suas temáticas e vivências que por vezes podem ser particulares, mas que também dizem respeito às experiências de um grupo maior de pessoas. Como ilustrado por Nós (2017):

Se entendemos que os enunciados e discursos produzidos pelos textos da diáspora negra performam uma comunicabilidade de experiências entre seus diversos pontos, a tradutora negra funciona como aquela pessoa que traz consigo a possibilidade de enxergar, sentir, pensar a diferença intercultural dessas experiências exatamente ali onde superam as barreiras linguísticas, em pontos de conectibilidade inscritos nos corpos e subjetividades de quem as traduz. (NÓS, 2017. pág. 27)

Alguém que viveu experiências similares ou conhece as realidades narradas por Carolina Maria de Jesus vai apresentar muito mais aptidão para *traduzir* essas vivências a fim de provocar identificações em outras culturas, como a sobrecarga de trabalho suportadas pelas mulheres negras, as relações de solidariedade que se estabelecem entre elas e suas comunidades etc., experiências que ficam bem exemplificadas nessa entrada do diário da autora.

[...] Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatorio, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragedias que os políticos representam em relação ao povo.

Tradução nossa: [...] But I have already observed our politicians. To observe them I went to the Assembly. Which is like a Purgatory branch, because its head office is the Social Service headquarters, in the Government' building. It was there that I saw gnashing of teeth.

I saw poors leaving in tears. And the poor's tears move the poets. It does not move the living room poets\*. But the poets from the trash, the favelas' idealists, a spectator that watch and observe the tragedies that politicians pose to people.

\*footnote: reference to the poets from the upper classes who usually gathered in halls specifically destined to soirée and recitals.

I have now observed our politicians. To watch them I went to Congress. A branch of Purgatory, for it's head office of the Social Service, in the Governor's Palace. What I saw there made me gnash my teeth. I saw the poor go out crying. The tears of the poor stir the poets. They don't move the poets of the living room, but they do move the poet of the garbage dump, this idealist of the favela, a spectator who sees and notes the tragedies that the politicians inflict on the people.

Nessa entrada de seu diário, Carolina Maria de Jesus se apresenta em diversas facetas, a cidadã combativa, a cronista e a poetisa crítica. A escritora tinha o hábito frequente de ir às sedes governamentais e órgãos públicos para reclamar seus direitos, ao longo de *Quarto de Despejo* encontramos alguns desses episódios onde quase sempre ela mesma ou outras pessoas eram tratadas com desprezo, não eram ouvidas nem tinham suas demandas atendidas.

Aqui, Carolina Maria de Jesus faz sua crítica à inoperância proposital dos governantes e às instituições que supostamente deveriam servir ao povo mas que o abandona à própria sorte. E, também, cita os “poetas de salão” que são insensíveis ao sofrimento e às causas dos mais pobres. Carolina se coloca ao lado dos “poetas do lixo” em oposição a esses poetas distantes dos favelados como ela.

A menção aos “poetas de salão” pode ser lida como referência aos poetas das elites que se reuniam em salões para recitais e saraus de poesia. É um trecho em que Carolina se afirma como poeta, para além de apenas ser uma vítima das injustiças sociais é também a intelectual que denuncia, se indigna e se comove diante dessas injustiças.

Para marcar essa crítica que a escritora faz, em nossa tradução, achamos importante que o termo “poetas de salão” ganhasse uma nota de rodapé que explicasse essa referência, sobre quem eram essas figuras das elites e como Carolina demonstrava entender que estava localizada em um lugar de escritora marginalizada dentro de um sistema literário formado por e para pessoas ricas, brancas em sua maioria.

Para esse trecho em sua tradução, St. Clair comete uma imprecisão ao traduzir como “What I saw there made me gnash my teeth” (algo como “o que eu vi me fez ranger os dentes”) onde a autora escreve no seu texto original “Foi lá que eu vi ranger de dentes.”

[...] Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?

Tradução nossa: [...] I was paying the shoemaker while I was talking to a Black man that was reading the newspaper. He was revolted against a civil guard that had spanked another Black man and tied him to a tree. The civil guard is white. And there are some whites that treat Black people like if they were scapegoats. Who knows if the civil guard is aware that the slavery period was extinguished and think we are still under a corporal punishment regime?

I was paying the shoemaker and talking with a black who was reading a newspaper. He was furious with a policeman who beat up a Negro and tied him to a tree. The policeman is white. There are certain whites who transform blacks into whipping posts. Is this policeman aware of the fact that slavery has been abolished or does he think we are still in the era of the whip?

Esse é um trecho em que a autora Carolina descreve um episódio de violência policial contra um homem negro e faz um paralelo com as opressões e violências perpetradas contra a população negra escravizada durante o período de vigência da perversa exploração escravagista no Brasil.

St. Clair traduz a palavra *preto* fazendo escolhas diferentes nas três vezes onde a palavra aparece com acepções muito semelhantes no texto-fonte. Primeiro a palavra é utilizada para referenciar um homem com o qual a narradora-personagem Carolina conversa, ao que é traduzido para *black*, depois a palavra aparece fazendo referência ao homem que havia sido espancado, aqui é traduzido como *Negro*, e por último a referência é ao grupo de pessoas pretas, aí sendo traduzido por St. Clair como *blacks*.



Além de ignorar a grafia com letra maiúscula da palavra *Black*, St. Clair ainda utiliza a palavra *Negro* que é historicamente considerada pejorativa e tem raízes racistas em seu uso tendo sido rejeitada e proibida em vários documentos estatais estadunidenses, por exemplo. A escolha do tradutor por *Negro*, inclusive, não é correspondente para o termo utilizado (*preto*) onde a autora não está fazendo o uso da palavra de forma discriminatória ou negativa, mas apenas relatando a violência feita contra um homem.

Outra escolha no mínimo estranha na tradução de St. Clair é o uso do termo “*whipping posts*” para o termo “*bode expiatório*” utilizado pela autora. Na verdade, o que o tradutor faz é alterar o termo e o sentido pretendido pela autora. Temos a palavra inglesa *scapegoats*, que foi a nossa escolha de tradução, que equivale imediatamente ao termo *bode expiatório*.

Talvez a intenção do tradutor tenha sido recuperar a imagem dos castigos nos pelourinhos (*whipping posts*) uma vez que é relatado que o homem foi preso a uma árvore, mas a própria autora não faz alusão à imagem dos pelourinhos que eram colunas de madeira onde eram castigadas as pessoas escravizadas. Consideramos então, por esses motivos, que essa escolha de St. Clair não é equivalente ao termo que aparece no texto-fonte.

Como mencionado anteriormente, em nossa tradução utilizamos a palavra *Black* com a letra inicial em maiúscula por ser dessa forma que, ao longo de várias décadas, a população negra, principalmente norte-americana, demandou como forma de marcar uma identificação desse grupo racial com suas especificidades, histórias e lutas políticas.

Encontramos as seguintes entradas para o termo *Negro* no dicionário online Collins:

Figura 1 - Definição da palavra "Negro" na variedade do inglês britânico.

---

# Negro



**in British English**

(ˈniːgrəʊ  ) *offensive, old-fashioned*

**NOUN**

**Word forms:** plural **-groes**

1. a member of any of the dark-skinned indigenous peoples of Africa and their descendants elsewhere

**ADJECTIVE**

2. relating to or characteristic of these peoples

*Collins English Dictionary. Copyright © HarperCollins Publishers*

**Derived forms**

---

Fonte: Collins English Dictionary. 2023.

Figura 2 - Definição da palavra "Negro" na variedade do inglês americano.



The image shows a screenshot of the Collins English Dictionary website. At the top, there is a navigation bar with the Collins logo, a user profile icon, and a search icon. Below the navigation bar, there are two tabs: 'English Dictionary' (selected) and 'Grammar'. The main heading is 'Negro' in a large, bold font, with a small icon of a person with a bar chart next to it. Below the heading, it says 'in American English'. The definition is given as '(nigrou) (noun plural -groes) (now usually considered offensive and not in technical use)'. The word is categorized as a 'NOUN' and an 'ADJECTIVE'. There are three numbered definitions: 1. a member of the peoples traditionally classified as the Negro race, esp. those who originate in sub-Saharan Africa; 2. of, pertaining to, or characteristic of one of the traditional racial divisions of humankind, generally marked by brown to black skin pigmentation, dark eyes, and woolly or crisp hair and including esp. the indigenous peoples of Africa south of the Sahara; 3. being a member of the Black peoples of humankind, esp. those who originate in sub-Saharan Africa.

Fonte: Collins English Dictionary. 2023.

Entendemos que não fazer a marcação da palavra *Black* com letra inicial maiúscula, optando por esse apagamento, é violentar um grande grupo de pessoas além de desrespeitar o texto da autora Carolina por escolher ignorar os usos que ela fez em sua escrita.

Como já verificado por pesquisas anteriores, podemos ver a partir do que nos mostra Raquel Nascimento em sua tese *Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: mesma tradução, diferentes leituras – uma análise a partir dos paratextos das diversas edições sob a ótica da Linguística de Corpus* (2022) que a autora Carolina Maria de Jesus sempre registra em seu texto a palavra preto/preta quando está falando em primeira pessoa, usando sempre conotação positiva:

Percebe-se, portanto, que Carolina Maria de Jesus faz em sua narrativa a distinção dos usos dos lemas PRETO e NEGRO para determinar quem fala e com que intenção fala. Desse forma NEGRO é utilizado por quem comete a injúria e PRETO é utilizado em primeira pessoa e de forma não injuriante. (NASCIMENTO, pág. 245)

Vieram queixar-se que a Zefa brigou com uma nortista e discutiram. Os calões entraram em cena. Eu só tenho dó das crianças que ouvem os improperios. A Zefa é mulata. É bonita. É uma pena não saber ler. Só que ela bebe muito. Ela já teve duas filhas, e bebia muito. Esquecia de alimentar as crianças e elas morreram.

Tradução nossa: [...] Some people came to complain that Zefa fought and had an argument with a northeastern\* woman. Swearwords came to play. I just feel sorry for the children who get to hear to it. Zefa is a light skin Black woman. She is pretty. It is a shame she cannot read. She drinks a lot. She had two daughters and drank a lot at the time. Often forgot to feed them so they died.

\*northeastern: people from the Northeast of Brazil that migrated intensely to the southeast region looking for more job offers.

Everybody was telling that Zefa fought with a *nortista* woman. Swearwords came into action. I only feel sorry for the children who have to hear such language. Zefa is a mulatto and pretty. It's too bad she doesn't know how to read. She only drinks a lot. She had two children and she forgot to feed them. So they died.

Em *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus relata as relações que os moradores da favela tinham entre si. As relações de solidariedade entre eles, e muitas vezes as conflituosas que eram observadas pela narradora com desaprovação e às quais fazia questão de expressar sua aversão.

Há diversos momentos em seu diário em que Carolina trata das brigas e desavenças ocorridas na favela do Canindé, a escritora por vezes interferia nesses conflitos chamando a polícia ou a “rádio patrulha”, e seus vizinhos a requisitavam para fazer essas intervenções e denúncias.

Alguns grupos de pessoas aparecem com mais frequência como personagens dos relatos e das críticas feitas por Carolina. Os nordestinos ou *nortistas* que migravam e se estabeleciam nas favelas paulistanas, aqui especificamente na favela do Canindé, eram tidos como valentes, conflituosos e hostis sempre envolvidos em brigas com violência física.

Nesse trecho, Carolina narra um desses conflitos e faz referência a *uma nortista* com a qual sua vizinha Zefa, que aparece várias vezes no diário, tem uma forte discussão. Em nossa tradução optamos por traduzir o termo *nortista* para a língua inglesa: northeastern e disponibilizar uma nota de rodapé que explicasse ao leitor essa caracterização que a autora faz, destrinchando essa referência. Seria importante que o leitor pudesse conhecer o fenômeno da migração e suas raízes para compreender a constituição populacional das favelas, com a presença desses nordestinos aos quais Carolina faz referência.

O seguinte trecho, uma entrada do diário que Carolina registra sobre o dia 6 de junho de 1958, narra mais uma vez um desses conflitos: “junho 6 – Hoje brigaram aqui na favela. Brigaram por causa de um cachorro. A briga foi com uns baianos<sup>22</sup> que só falavam em peixeiras.” (Jesus, p.55, 2020)

Carolina utiliza os termos nortista(s), nordestino(s) e baiano(s) como sinônimos para se referir aos nordestinos como um todo. Como podemos ver na nota de rodapé que consta da edição de *Quarto de Despejo* da editora Ática, 2020: “o termo “baianos” refere-se aqui aos nordestinos em geral. Com esse mesmo sentido, a autora usa também a palavra “nortista.” (Jesus, p.55, 2020)

Em sua tradução, David St. Clair não compreende esse uso feito pela autora e apresenta sua tradução como [...] Today there was a fight here in the favela. They fought over a dog. The fight was among some *Baianos*,\* *who only speak in knives.*”, para então introduzir, erroneamente, sua nota de rodapé em *Child of the Dark* sem compreender baianos por nordestinos: \**Baianos: people from the state of Bahia.*

Em *Child of the Dark* como um todo, David St. Clair opta por uma estratégia de tradução que mistura escolhas estrangeirizantes e domesticadoras (Bahia, 2019), sendo que algumas pesquisas consideraram que sua tradução pende muito mais para um aspecto estrangeirizante (Feitosa, 2008).

Nesse trecho do dia 13 de agosto o tradutor St. Clair mantém o termo *nortista*. Ele não disponibiliza uma nota de rodapé para esse termo ao longo de sua tradução, demonstrando a

inconsistência de seu trabalho que não apresenta um padrão de escolhas para os termos recorrentes na obra e na disponibilização de notas de rodapé.

Ele mantém em português muitos dos termos utilizados por Carolina em sua tradução, como nomes de lugares, nomes próprios, gentílicos, pratos típicos, termos culturalmente marcados, etc. Raramente esses termos aparecem com notas de rodapé, e quando elas são disponibilizadas o tradutor não demonstra muita competência em explicar satisfatoriamente, ou de forma correta, esses termos e conceitos.

A entrada do diário a seguir vai demonstrar exatamente como o tradutor vai fazer produzir uma nota de rodapé controversa:

[...] O que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortistas. Que trabalham e não dissipam. Compram casa ou retornam-se ao Norte.

[...] What I want to clear up about the people who live in the favela is the following: the only ones who really survive here are the *nordestinos*. \* They work and don't squander. They buy a house or go back up north.

Abaixo está a reprodução da nota de rodapé apresentada por St. Clair onde ele faz uma tentativa de explicar a presença expressiva nas favelas do Sudeste de pessoas vindas dos estados nordestinos. St. Clair credita esse movimento migratório à ausência de indústrias no Nordeste e à suposta grande oferta de trabalho nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro. Sendo pouco objetivo, emite uma opinião pessoal bastante preconceituosa ao sugerir que esses nordestinos estariam piores após se estabelecerem nas favelas. Semelhantemente, em seu prefácio o tradutor se estende nessas análises não embasadas e fortemente discriminatórias:

*\*Nordestinos: forced by land-parching droughts and almost no industry, the poor of the north swarm into cities like São Paulo and Rio looking for work. Needing a place to live, they choose the favelas and end up worse off than they were before.*

Tradução nossa: \*Nordestinos: forçados pela seca e quase sem indústrias, os pobres do norte enchem as cidades como São Paulo e Rio procurando por trabalho. Precisando de um lugar para viver, eles escolhem as favelas e acabam piores do que estavam antes.

Uma outra palavra nesse trecho de 13 de agosto e que pode ser um ponto de problematizações a serem feitas na leitura em língua inglesa é *mulata* também por conta de suas raízes racistas. Em nossa tradução optamos pela nomeação *light skin Black woman* com a colocação de uma nota de rodapé que revelasse ao leitor o uso de *mulata* no original, porém explicando que o uso feito pela autora não é pejorativo ou discriminatório, mas apenas o termo corrente e aceitável à época.

Como acontece em outros trechos de *Child of the Dark*, aqui o tradutor também opta por uma palavra que pode ser recebida com desconforto pelos leitores de língua inglesa por ter raízes discriminatórias e pelo fato de há muito já ter sido rechaçada tendo caído em desuso. St. Clair opta por *mulatto* e não parece ter preocupação em relação ao teor da palavra porque não disponibiliza nenhuma nota explicativa.

Hoje é o aniversário do José Carlos. 9 anos. Ele é de 1950. Tempo bom! Mas ele quer ter 10 anos, porque quer namorar a Clarinda.

Eu saí. Levei a Vera. Catei papeis, achei um par de sapatos no lixo. Vendi por 20 cruzeiros. Voltei para a favela. Comprei meio quilo de carne. Fiz bife. Almocei.

Tradução nossa: Today is José Carlos' birthday. He turns 9. He was born in 1950. Good times! But he wishes he were 10, because he wants to date Clarinda.

I went out. I took Vera with me. I looked out for papers, and found a pair of shoes in the trash. I sold it for 20 cruzeiros. I went back to the favela. I bought half a kilo of meat. I made beefsteak. I had lunch.

Today is José Carlos' birthday. Ten years old. He was born in 1950. What a good age! But he wishes he were ten, because he wants to make love to Clarinda.

I went out and took Vera with me. I picked up paper and found a pair of shoes in the garbage. I sold them for 20 cruzeiros. I bought a half a kilo of meat. I cut a slice and had lunch.

Esse é um trecho em que Carolina registra o dia de aniversário de seu filho José Carlos e compartilha a vontade do menino em ser um pouquinho mais velho do que realmente é pelo interesse em namorar uma outra menina de nome Clarinda. Há ainda uma breve referência ao ano de nascimento do filho (1950) como sendo um tempo bom em sua memória.

O registro do dia continua com a descrição de uma rotina bastante habitual que a escritora tinha. Geralmente com a companhia de sua filha mais nova, Vera Eunice, Carolina sai para catar papéis e em seguida os vende. Com o dinheiro conseguido com a venda dos papéis, ela compra um alimento para o almoço e, de volta à sua casa, prepara o almoço e faz sua refeição.

O conteúdo do registro desse dia aparentemente não oferece tanta dificuldade para sua tradução. Com sentenças curtas e sem construções frasais tão complexas, pode-se seguir um caminho seguro de tradução mais ou menos literal nesse trecho.

Em relação às escolhas feitas pelo tradutor David St. Clair e diante da verificação do baixo grau de dificuldade para tradução do trecho, o resultado apresentado em *Child of the Dark* traz problemas que acabam por promover distorções em comparação com o texto-fonte.

St. Clair traduz equivocadamente algumas palavras e altera o sentido do que realmente consta no diário escrito por Carolina, suprimindo palavras e cometendo desvios muito primários que expõem o tamanho de seu descuido com o texto. Esse é um dos trechos em que o descaso do tradutor fica evidente, há muitos outros ao longo de sua versão para o inglês que se assemelham em sua negligência.

Onde em *Quarto de Despejo* lemos “Mas ele quer ter 10 anos, porque quer namorar a Clarinda.” St. Clair dá uma conotação sexual ao desejo de uma criança ao transformar o trecho em “But he wishes he were ten, because he wants to make love to Clarinda.”. O verbo *namorar* nesse contexto não equivale a *to make love* em inglês, além do que Carolina está aqui falando sobre seu filho, uma criança.

Ainda nesse trecho o tradutor se equivoca também em relação à idade de José Carlos que completava nove anos e não *Ten years old*. São informações muito simples e que exatamente por esse motivo não deveriam ganhar outro sentido na tradução como acontece em *Child of the Dark*.

[...] Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro. Um rosto feio. Um narigão. O outro era branco bonito. Contaram-me os horrores do Juizado. Que passam fome,
--



frio e que apanham ininterruptamente. Perguntaram se eu podia arranjar-lhes umas camisas. Dei-lhes as camisas e as calças. Perguntei-lhes os nomes. O mulato é Antonio e o branco Nelson.

Tradução nossa: He went out and came back alongside the boys. One was a light skin Black boy with an ugly face and a big nose. The other was a white and pretty boy. They told me the horrors of the juvenile court judge. They went through hunger, cold and are continuously beaten. They asked me if I could give them some shirts and trousers. I gave them. I asked their names. The light skin Black boy is Antonio and the white is Nelson.

He went out and came back with the boys. One was a light-skinned mulatto with an ugly face and a Negro nose. The other was a pretty white. They told me the horrors of the shelters. That not only children without parents to care for them were sent there, but young criminals who were sentenced by the court as well. All trown together and with no special consideration for the innocent ones. They went hungry, cold, and were constantly beaten. They asked me if I could get them some shirts and trousers. I asked them their names. The mulatto was Antonio and the white was Nelson.

Na entrada do diário do dia 9 de julho, Carolina faz alguns relatos e observações sobre as experiências de crianças, adolescentes e adultos que ficaram sob a custódia do Estado no juizado de menores da cidade de São Paulo. Nesse trecho, ela está descrevendo dois meninos que teriam fugido da instituição e procurado a favela do Canindé para pedir ajuda. Seu filho José Carlos havia encontrado as duas crianças na rua e então os levou para casa para que sua mãe lhes desse algumas roupas.

A escritora faz uma descrição das características físicas dos dois meninos. Um deles é “mulato claro” com um “rosto feio” e “narigão” e o outro é “branco bonito”. Aqui, não se pode acreditar que Carolina esteja fazendo qualquer descrição discriminatória por estar utilizando de adjetivos positivos para descrever o menino branco e de adjetivos pouco elogiosos para o menino negro. De forma consistente, sempre se mostra orgulhosa pela sua negritude, consciente de sua condição e identidade racial, e empática com outras pessoas negras e suas vivências. Ela muitas vezes descrevia negativamente seus vizinhos da favela, brancos, negros, nordestinos etc., em parte motivada pelo tratamento hostil que recebia de alguns deles. A escritora

Conceição Evaristo discorre sobre as contradições em Carolina no prefácio de *Casa de Alvenaria* (2021):

[...] Se em *Quarto de Despejo* nota-se uma intransigência da escritora em relação aos nordestinos, em *Casa de Alvenaria* ela pede perdão pelos julgamentos anteriores que fizera deles. Em Carolina há ainda contradições, severidade e julgamentos preconceituosos contra as pessoas que não pautam a vida e os afetos segundo os padrões heteronormativos. Em relação à condição das mulheres também existem posições ambíguas. Argumentava em favor da liberdade feminina — afirmando não ter se casado para ser livre, independente — entretanto valorizava um comportamento bastante conservador para as mulheres casadas. Acreditava que as esposas deveriam honrar seus maridos, mas opinava a respeito dos homens que sufocavam as mulheres em suas qualidades. (Casa de Alvenaria, 2021)

Com suas contradições inerentes a qualquer pessoa e sendo produto de seu tempo histórico, Carolina fazia uso de nomenclaturas para pessoas negras hoje rejeitadas por terem cunho racista, mas que no seu tempo de vida ainda não tinham passado por um processo de questionamento quanto às suas raízes históricas de demérito. Na nossa tradução entendemos ser importante a inserção de uma nota de rodapé para informar ao leitor que a conotação de *mulato* dada pela autora não é pejorativa ou negativa, para que o texto não cause um desconforto em leitores de língua inglesa que tiverem contato com ele.

Preferimos em nossa tradução o termo utilizado *light skin Black boy* para *mulato* com a inserção de uma nota explicativa que pudesse informar ao leitor esse uso da palavra *mulato* de forma não discriminatória no texto original, já desusada atualmente, mas que à época de Carolina ainda era utilizada.

Definição da palavra segundo o dicionário Collins:

Figura 3 - Definição da palavra "Mulatto" na variedade do inglês britânico.



Collins

English Dictionary Grammar

**Definition of 'mulatto'**

**mulatto**  

**in British English**

(mju:'lætəʊ  ) *old-fashioned, offensive*

**NOUN**

**Word forms:** plural **-tos** *or* **-toes**

1. a person having one Black and one White parent

**ADJECTIVE**

2. of a light brown colour

---

Fonte: Collins English Dictionary. 2023.

Figura 4 - Definição da palavra "Mulatto" na variedade do inglês americano.



Fonte: Collins English Dictionary. 2023.

O tradutor St. Clair vai fazer uma escolha nesse trecho que deixa aparente sua visão no mínimo grosseira sobre pessoas negras. O termo “narigão” é transformado em “Negro nose” e que reforça o estereótipo racista que retrata as características fenotípicas negras como feias, grosseiras, indesejáveis etc. Não parece ser a intenção de Carolina associar características físicas negativas ou “indesejáveis” ao fato de o menino ser negro (de tonalidade de pele clara), intrinsecamente. Todas essas acepções podem ser evocadas como uma leitura possível pelo termo já considerado arcaico *Negro* que, em língua inglesa, historicamente tem conotação apenas negativa, com carga racista.

Ainda nesse trecho selecionado há a inserção das seguintes sentenças na tradução de St. Clair que não constam no texto original de Carolina Maria de Jesus: “That not only children without parents to care for them were sent there, but young criminals who were sentenced by the court as well.” Além da gravidade da inserção o seu conteúdo também traz problemas porque contribui para uma representação negativa do Brasil e de suas instituições, algo que outras pesquisas (Bahia, 2019) já concluíram em relação ao trabalho do tradutor em *Child of the Dark* como um todo.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das propostas iniciais deste trabalho desenvolvi o percurso de uma tradução comentada para *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* tendo selecionado alguns trechos dentre esse texto literário da escritora Carolina Maria de Jesus. Pude exercitar algumas versões de traduções de algumas entradas do diário que foram escolhidas pelas suas características representativas da obra como um todo. Esses trechos apresentam temáticas que podem representar um grande desafio para as pessoas tradutoras pois envolvem questões raciais, de gênero, referências a grupos sociais estigmatizados, entre outros temas sensíveis.

No processo de tradução foram necessárias várias pesquisas acerca das questões que emergiam dos trechos selecionados, obtive informações sobre questões históricas relativas aos acontecimentos da época em que foi escrita a obra, precisei revisar questões de usos linguísticos de palavras que caíram em desuso e suas formas atuais e mais adequadas etc. Além das escolhas de tradução que precisaram ser feitas, a preocupação em estar fazendo opções responsáveis e éticas representaram os pontos mais desafiadores desse percurso de tradução.

Com o intuito de produzir traduções que pudessem visibilizar os efeitos produzidos pela autora do texto-fonte procurei estabelecer uma relação de empatia com essa textualidade, me aproximando o mais possível de uma compreensão das experiências vividas e relatadas como forma de deixar aparecer através do resultado tradutório a dicção da autora. Portanto, confirmei que o exercício de tradução de vivências de pessoas negras, com suas histórias marcadas muitas vezes por questões muito particulares a esse grupo de pessoas em sociedade é desafiador e requer responsabilidade e uma implicação subjetiva da pessoa tradutora.

Conforme está presente no aporte teórico da pesquisa, e sobre o qual foi principalmente abordado no segundo capítulo, o conceito de ser um *Agente Ético* é extremamente importante para o exercício consciente de tradução uma vez que pode fomentar uma atividade mais cuidadosa. Buscando ser esse *Agente Ético* ao traduzir o texto de *Quarto de Despejo* utilizei elementos como notas de rodapé para informar usos de termos pela autora, por exemplo, procurei fazer uma leitura das várias nuances apresentadas pelas personagens que aparecem no diário, a fim de apreender suas complexidades e vivências. Além de estar ciente do risco de cometer erros em minha tradução o que certamente me fez estar mais atenta para minimizá-los.

Os comentários de tradução presentes no quarto capítulo foram organizados ao longo da prática e foram relevantes porque ao mesmo tempo em que se tratava dos registros das

minhas escolhas tradutórias serviram para que eu refletisse sobre essas mesmas decisões. Ao fazer uma crítica de tradução da obra *Child of the Dark*, tradução para o inglês de *Quarto de Despejo*, juntamente com as análises literárias sobre a obra de Carolina de acordo com as perspectivas dos estudos da tradução negra foi possível corroborar que as traduções e análises anteriores sobre o texto da autora não deram conta das potencialidades de sua escrita, promovendo reducionismos e apagamentos em relação a qualidade de sua criação literária.

A experiência de traduzir fragmentos de uma produção literária de uma autora negra tão única foi importante para mim enquanto tradutora iniciante. Ao ter apontado problemas em traduções existentes e sugerir outros olhares, espero ao menos ter contribuído para o entendimento de que não podemos tolerar que obras e autoras como Carolina continuem a ter suas vozes e projetos estéticos e políticos tratados com descuido por parte de pessoas tradutoras, principalmente quando se trata de sujeitos brancos que não possuem letramento acerca das vivências negras. As teorias produzidas sob o escopo da tradução negra foram essenciais para esse trabalho e vão continuar a auxiliar para uma prática tradutória antirracista, afirmativa e responsável das textualidades negras.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Luísa Bahia. **Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de despejo**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado) – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

AKOTIRENE. Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999.

Blog da Companhia das Letras, São Paulo, 17, julho. 2020. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Carolina-Maria-de-Jesus-na-Companhia-das-Letras> Acesso em: 25 ago, 2023.

Buarque. M. Tradutoras literárias buscam romper com a solidão e precarização do trabalho. Itaú Cultural. 28, out. 2023. Disponível em: [https://www.itaucultural.org.br/secoes/series/tradutoras-literarias-buscam-romper-com-a-solidao-e-a-precarizacao-do-trabalho?fbclid=PAAaZ-rukSuEAZ22sn7YvE7KlyniKBwRtiPGqAXYHo4EluakO-vri\\_9J2dZk](https://www.itaucultural.org.br/secoes/series/tradutoras-literarias-buscam-romper-com-a-solidao-e-a-precarizacao-do-trabalho?fbclid=PAAaZ-rukSuEAZ22sn7YvE7KlyniKBwRtiPGqAXYHo4EluakO-vri_9J2dZk) Acesso em: 1, nov. 2023.

CASSILHAS, Feibriss Henrique Meneghelli. *Duas histórias sobre o Gavião contadas no antigo protetorado do Sul da Nigéria; ou texto de apresentação da tese de doutorado de uma tradutora de histórias contadas* In: Carrascosa et al. *Traduzindo no Atlântico Negro: Dinâmicas Exusíacas em Rotas de Fuga e Performances de ReLigação AfroANCESTRAL*. Salvador: Editora Ogum's, 2023..

CAMPOS, Paula. *Descobrimo uma tradutora ou por uma tradução responsável e ética* (2017). In: CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas para travessias literárias*. Salvador: Editora Ogum's, 2017.

CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas para travessias literárias*. Salvador: Editora Ogum's, 2017a.

CARRASCOSA, Denise. *Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas*. In: CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas para travessias literárias*. Salvador: Editora Ogum's, 2017b.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo, Boitempo, 2016 (1981).

FEITOSA, Lilian Passos Wichert, "**Brazilian women writers in English: Translation of culture and gender in works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, and Ana Maria Machado**" (2008). *Doctoral Dissertations Available from Proquest*. AAI3325275. <https://scholarworks.umass.edu/dissertations/AAI3325275>

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. ed. São Paulo: Ática, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Child of the Dark – The Diary of Carolina Maria de Jesus**. Translated by David St. Clair. Nova York: Signet Classics, 2003.

JESUS, Jéssica Oliveira de. CASSILHAS, F. Henrique Meneghelli. SANTOS, Silvana Martins dos. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. **Revista estudos feministas**. ISSN 1806-9584, Florianópolis, Brasil. v. 26, n. 3. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/57055> Acesso em 10 de outubro de 2023.

LETRAS, Companhia das. festival#vivacarolina-um conselho: apresentação do conselho editorial. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/1uWe-DK1ZDQ?si=7IwIYWZJ5-3vqAap>. Acesso em 18 ago, 2023.

MULATTO. In: Collins, English Dictionary. 2023. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/mulatto>. Acesso em: 10/10/2023

NEGRO. In: Collins, English Dictionary. 2023. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/negro>. Acesso em: 10/10/2023

NÓS. *Rotas, Bússolas, Sextantes, Faróis, Sotaventos, Porões, Portos, Nós nas traduções de textos literários Negros*. In: CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas para travessias literárias*. Salvador: Editora Ogum's, 2017.

NASCIMENTO, Raquel Alves Santos. **Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: mesma tradução, diferentes leituras – uma análise a partir dos paratextos das diversas edições sob a ótica da Linguística de Corpus**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 372, 2022.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

REBINSKI, Luiz. Novas edições reacendem polêmicas sobre Carolina Maria de Jesus. *Jornal Rascunho*, 05 set 2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/novas-edicoes-reascendem-polemicas-sobre-carolina-maria-de-jesus/> Acesso em: 12 set. 2023.

SOCORRO, Jeferson Santos do. *Análise das escolhas tradutórias para as especificidades histórico-culturais afrodiáspóricas na tradução do romance Ponciá Vicêncio*. In: Carrascosa et al. *Traduzindo no Atlântico Negro: Dinâmicas Exusíacas em Rotas de Fuga e Performances de ReLigação AfroANCESTRAL*. Salvador: Editora Ogum's, 2023.

SCHLEIERMACHER, F. E. D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Trad. Celso Braidá. **Princípios**. Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007 [1813].

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos



(orgs.). Literatura Traduzida tradução comentada e comentários de tradução volume dois. Fortaleza, CE: substância, 2017. p.15-35

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility: A History of Translation** London, New York: Routledge, 2008 [1995].